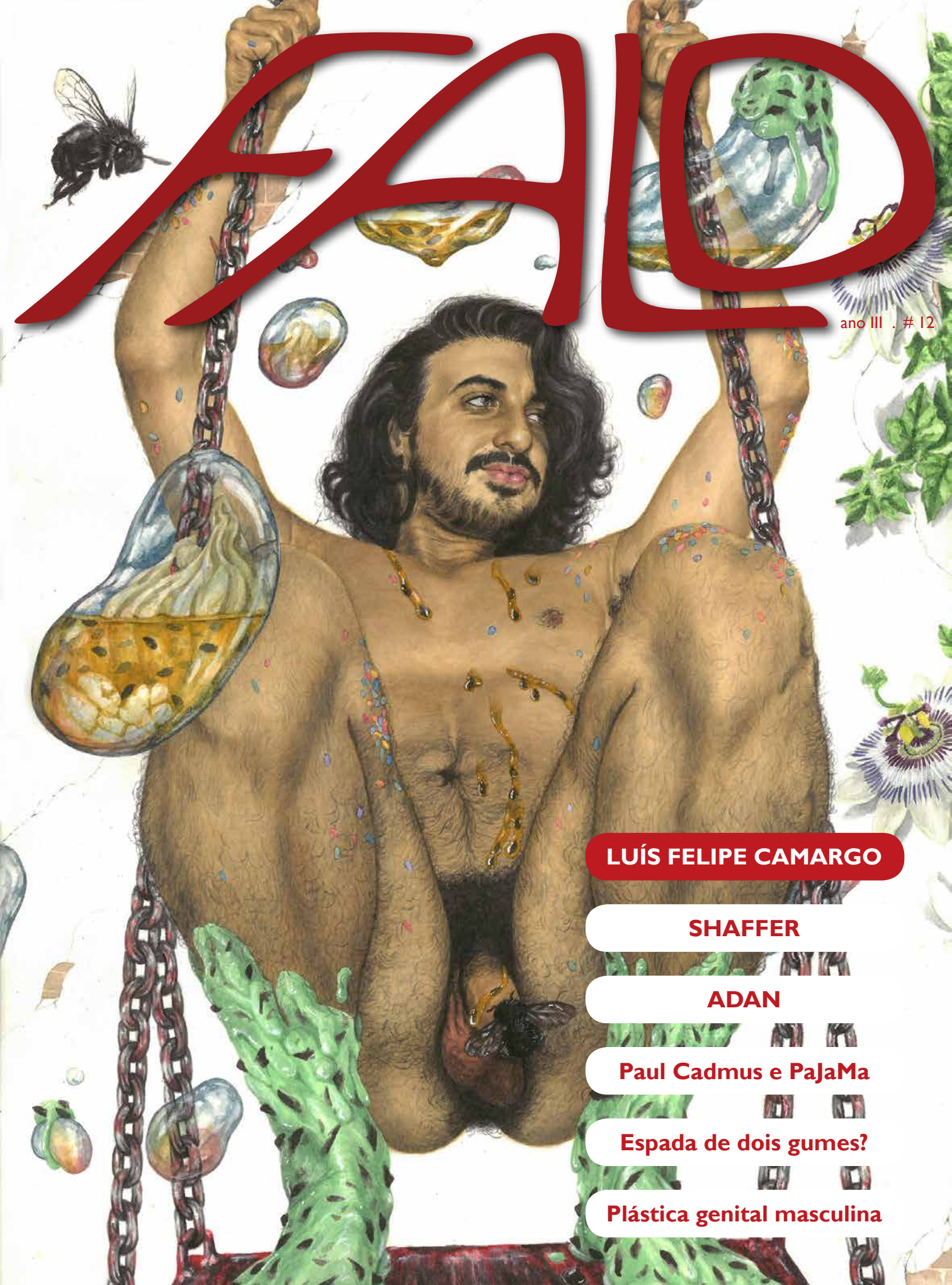




ano III . # 12

LUÍS FELIPE CAMARGO

SHAFFER

ADAN

Paul Cadmus e PajaMa

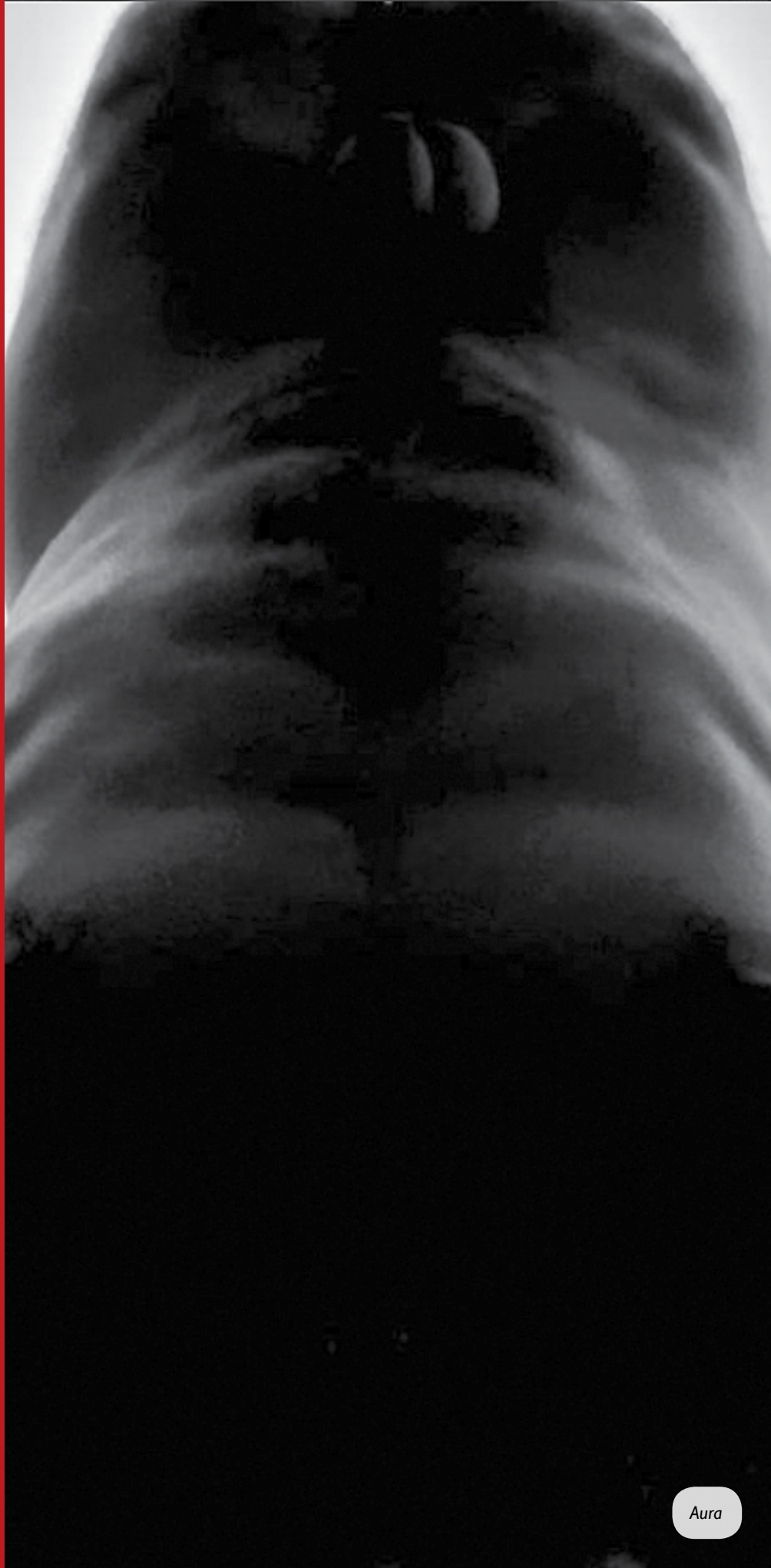
Espada de dois gumes?

Plástica genital masculina

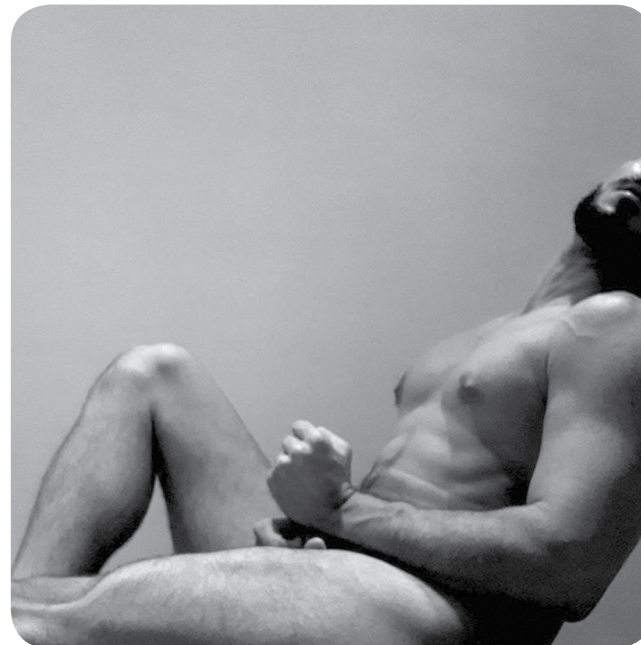
Marcelo se diz amador em fotografia, mas foi nela onde realizou um exercício cultural potente. Engenheiro químico de formação, começou a utilizar o Instagram como “necessidade de exposição para valorizar o meu capital humano numa época em que fiquei solteiro”. Quem nunca, certo?

Por acreditar numa “cultura cretina da selfie”, onde se seduz intencionalmente de forma velada e jamais REvelada, demorou a se identificar com a plataforma. Resolveu, então, gerar uma investigação que deserotizasse o nu (“nem todo nu é erótico”) e “desgenitalizasse” o ato sexual (“existem outras formas de prazer sexual não centradas na genitália”).

Ciente das censuras de postagem virtual, jogou dentro das regras: usando ângulos e iluminação para criar formas que enganam os algoritmos censores, Marcelo se fotografou totalmente nu, preferencialmente de frente, desafiando o convencional com o temporizador.



Aura



I'm not ashamed of my beauty you can see what i got...



Feminismos



Pommel horse



Chronos



Kandinsky



Sem título.

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Cheiro da paixão*, aquarela em papel canson, de
Luís Felipe Camargo, 2019.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonaut@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a
representação da masculinidade na Arte. Há, portanto,
imagens de nus masculinos, incluindo imagens de
genitália masculina. Consulte com precaução caso
sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonaut@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonaut@gmail.com.



Editorial

Saiu a nova edição! Ufa! Olha...
produzir material de qualidade
no meio dessa pandemia é bem
complicado, viu? Ansiedade,
excessos, tédio, distanciamento,
isolamento, boçalidades políticas (e
também sociais)... são muitas coisas vindo
de todos os lados: de dentro e de fora.

Além disso, como lidar com o tempo? Tempo
esse que parece muito por não termos
certos compromissos do cotidiano, mas
que na verdade é exíguo ao ser tomado por
outras atividades e sensações. Tempo esse
que não permitimos ser de calma, silêncio ou
inatividade, porque somos bombardeados por
lives, séries na Netflix, vídeos no Youtube, chats
coletivos, reuniões em home office etc etc etc.
E não poderia ser diferente comigo. Inventei
uma edição especial – você não perdeu a
moNUmental, né? – que foi absolutamente
incrível de fazer e teve um resultado
emocionante, MAS engoliu todo o meu tempo
de produção dessa edição. Sorte que sou
(levemente) organizado e algumas coisas já
estavam adiantadas, já que a pandemia também
fez colaboradores e até artistas convidados
desaparecerem.

A edição vem com três artistas que, sem
dúvida, vão te deixar impressionado seja pelas
cores, pelas formas ou pelas técnicas. São
trabalhos primorosos que mostram um prazer
pelo fazer da Arte.

A coluna *Falo de História* tornou-se uma
questão dessa vez. Paul Cadmus é um

nome bem relevante e, pelo menos, duas
de suas pinturas – *Finistere* e *O banho* – são
reproduzidas constantemente como imagem
de nudez masculina homoerótica. Porém, em
sua obra falta o falo. Durante um bom tempo
fiquei na dúvida se deveria falar sobre ele
aqui... até que descobri (um pouco) sobre seu
projeto *PajaMa*.

O interessante é que, por causa desse projeto
do Cadmus, resolvi dar voz a outro grupo
bem silencioso: os bissexuais. Novamente uni
as colunas *Falorrhagia* e *Falocampse* para tentar
entender a invisibilidade da letra B no alfabeto
queer. Todavia, novamente, não foi fácil. Quando
se tem uma ideia sobre o assunto, mas, de
repente, alguém te atualiza, só me restava
reescrever. Por uma boa razão.

Veja agora como tudo nessa edição foi se
encadeando: a coluna *Bibliófalo* trata de dois
livros escritos por uma famosa historiadora
sobre o homem e a sexualidade, mostrando
um olhar direcionado pelo gênero; por ter
um cirurgião plástico no Corpo Editorial da
revista, havia pedido um texto *Especial* sobre
intervenções possíveis no pênis que acabou
falando também de Cirurgia de Redesignação
Sexual, algo que surgiu na matéria sobre
bissexualidade; e a charge do Adão Iturrusgarai
(que havia sido escolhida no início do ano para
essa edição) brinca com o “embelezamento”
do saco.

E, claro, não podia faltar uma incrível *Falatório*,
um maravilhoso *moNUmento* e as folhas de
guarda* com um poeta visual. Então, relaxe um
pouco, aproveite essa edição e ganhe tempo.

Filipe Chagas, editor

Sumário

Luís Felipe Camargo	6
Shaffer	18
Adan	34
FALO DE HISTÓRIA Paul Cadmus e PajaMa	48
FALO EM FOCO	67
ESPECIAL Plástica genital masculina	68
FALORRAGIA + FALOCAMPSE Espada de dois gumes?	72
FALATÓRIO	88
BIBLIÓFALO Histórias Íntimas e dos Homens	90
FALO com VOCÊ	94
moNUmento	97

* Folhas de Guarda servem para unir a capa dura
ao corpo do livro e também para protegê-lo.

Luís Felipe Camargo

por Filipe Chagas



Sugar bear, aquarela em papel canson, 2019.

A primeira vista os trabalhos de Luís Felipe Camargo - também conhecido como Fepe - nos impressionam por sua manufatura artística, ou seja, só pela técnica já enxergamos seu talento e o chamamos de artista. Apesar de reticente com o termo “artista” (“acho que isso é algo que os outros reconhecem, não eu”), Luís Felipe começou a se sentir um profissional criativo quando se sentiu satisfeito com seus trabalhos que causavam impactos positivos na maioria das pessoas.



8

série G.L'amour, aquarelas, 2010.

Autodidata e workaholic por natureza, formou-se em Artes Plásticas pela UNESP e se especializou em Ilustração e Design de superfície, misturando moda e ilustração científica em peças únicas e versáteis seja em papel ou tecido. Após experimentar diversas técnicas - grafite, acrílica, óleo, guache -, fez da aquarela a base de seu trabalho ("gosto do tempo da aquarela") e desenvolveu uma técnica perfeccionista com identidade forte que, todavia, se ajusta às mais diferentes propostas de trabalho.

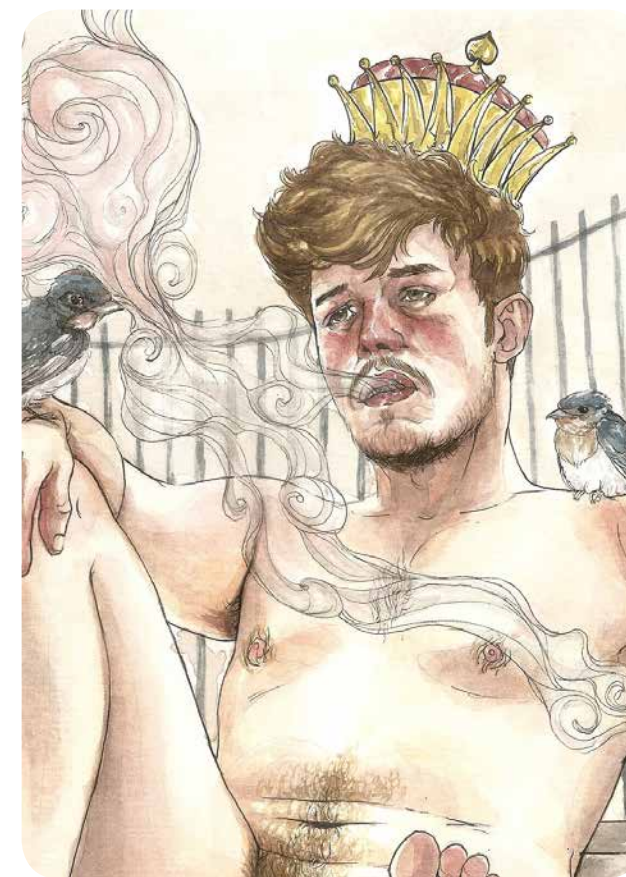
Luís Felipe fotografa seus próprios modelos e usa inúmeras referências visuais para dar realismo a um universo surreal:

Minha criatividade é muito estimulada pelo visual, então, coleciono muitas referências de poses, corpos, etnias e imagens que acho inspiradoras para afinar o que eu estiver trabalhando no momento.

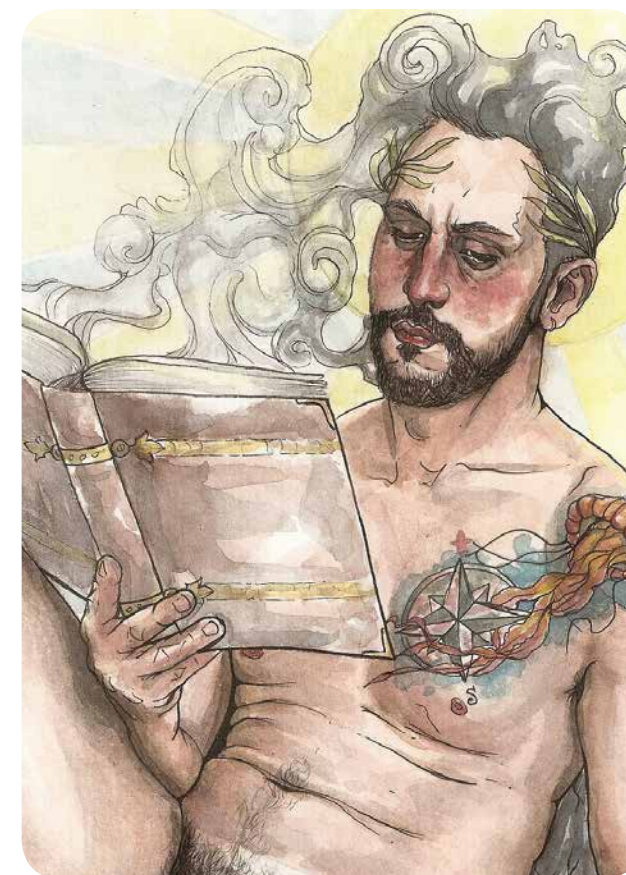
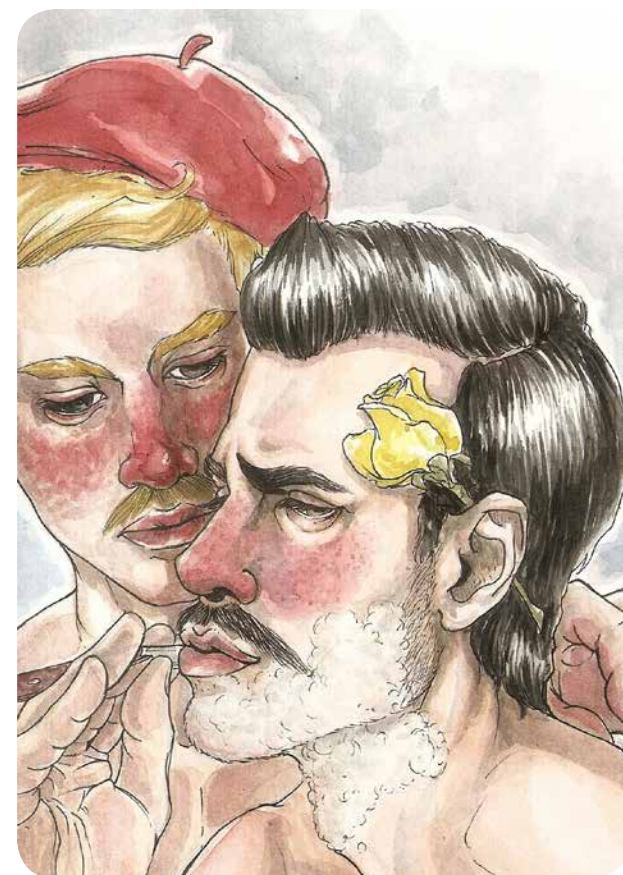
Seu trabalho com a nudez masculina começou em 2010 com uma investigação sobre sua "higienização" na História da Arte, como diversas questões sociais associaram o corpo do homem à lascívia e à pornografia. Daí saiu o projeto G.L'Amour, a partir de fotografias recebidas via internet.



série G.L'amour, aquarelas, 2010.



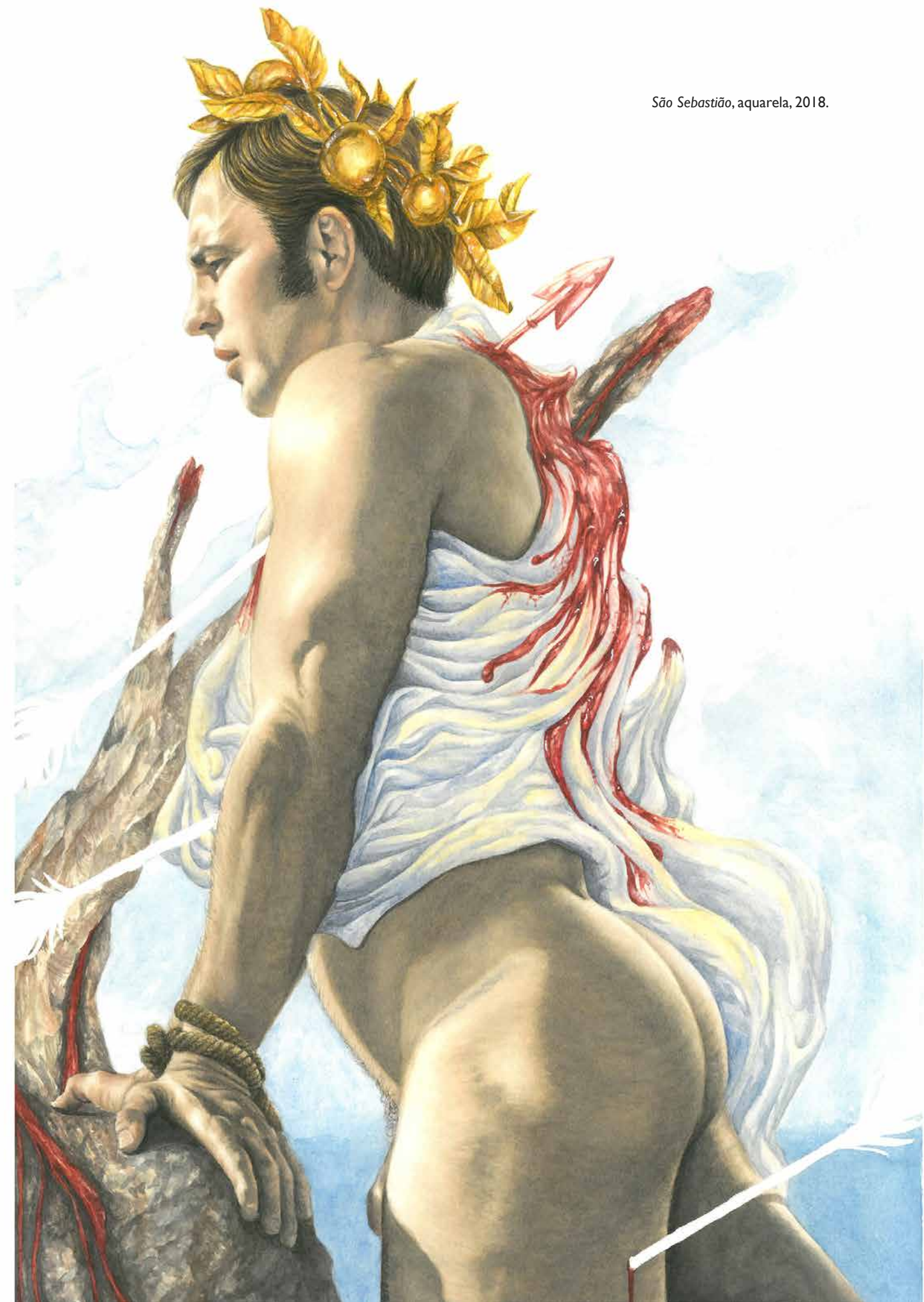
9



Adão, aquarela, 2018.



São Sebastião, aquarela, 2018.





Eros, um amor insensível, capa para a revista grega Exostis, aquarela, 2012.



Série Mito, aquarela, 2012.

Quero oferecer outra visão. Procuo retratar histórias. Me interessa o indivíduo e seu universo pessoal. Me ateno ao que se reconhece como masculino porque acredito ser meu lugar de fala e é um tema que precisa ser muito trabalhado, desconstruído e ressignificado. Ao tentar me colocar no lugar do outro, como ilustrador, também me desconstruo. Acho essencial abraçar o todo, sensualizar e dessensualizar o corpo masculino e representar as coisas como são. Acredito que justamente pela censura se perpetuam tabus e estigmas relacionados, por exemplo, ao falo.

O conjunto do corpo masculino é, então, material para o artista. Peito e bunda chamam a atenção, mas Fepe sabe que um olhar e um sorriso são capazes de cativar. O pênis, seja flácido ou ereto, tem seu momento, sua mensagem e, portanto, devem ser pertinentes à construção pictórica. Por isso, costuma aconselhar que artistas sejam objetivos e profissionais, seja Arte ou pornografia, que sejam claros com a mensagem e o propósito.

Maturidade e identidade, aquarela, 2015.



Série in memorian, aquarela, 2014.



Hazlotu, para Yorokobo Mag, aquarela, 2018.



Muffin, aquarela, 2019.



Cookie, aquarela, 2019.



Fabiano Foppa para o fotógrafo Alef Ghosn, aquarela, 2018.

Tem acompanhado projetos de fotografia que vem desmistificando o homem nu na arte e enfrentando forte censura. Tenta usar seu trabalho como ativismo, introduzindo diversidade mesmo quando o briefing não pede. Por ter trabalhado com Marcas, Casas Editoriais e Designers de todo o mundo, Luís Felipe pretende produzir um material que conte seu processo artístico e, assim, acrescente algo às discussões sobre gênero, sexualidade e Arte. **8=D**



Luís Felipe em seu ateliê.



Cirurgia plástica para você!



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

Shaffer

por Filipe Chagas

Not a gated community,
2015. Modelo: Anônimo.

Diz um provérbio que todo fato possui três versões: a sua, a minha e a verdade. É assim também com uma fotografia que traz a imagem em si, a história por trás da foto e as interpretações de seus espectadores. O processo de criação do fotógrafo Shaffer leva isso em conta, afinal, como ele mesmo diz:

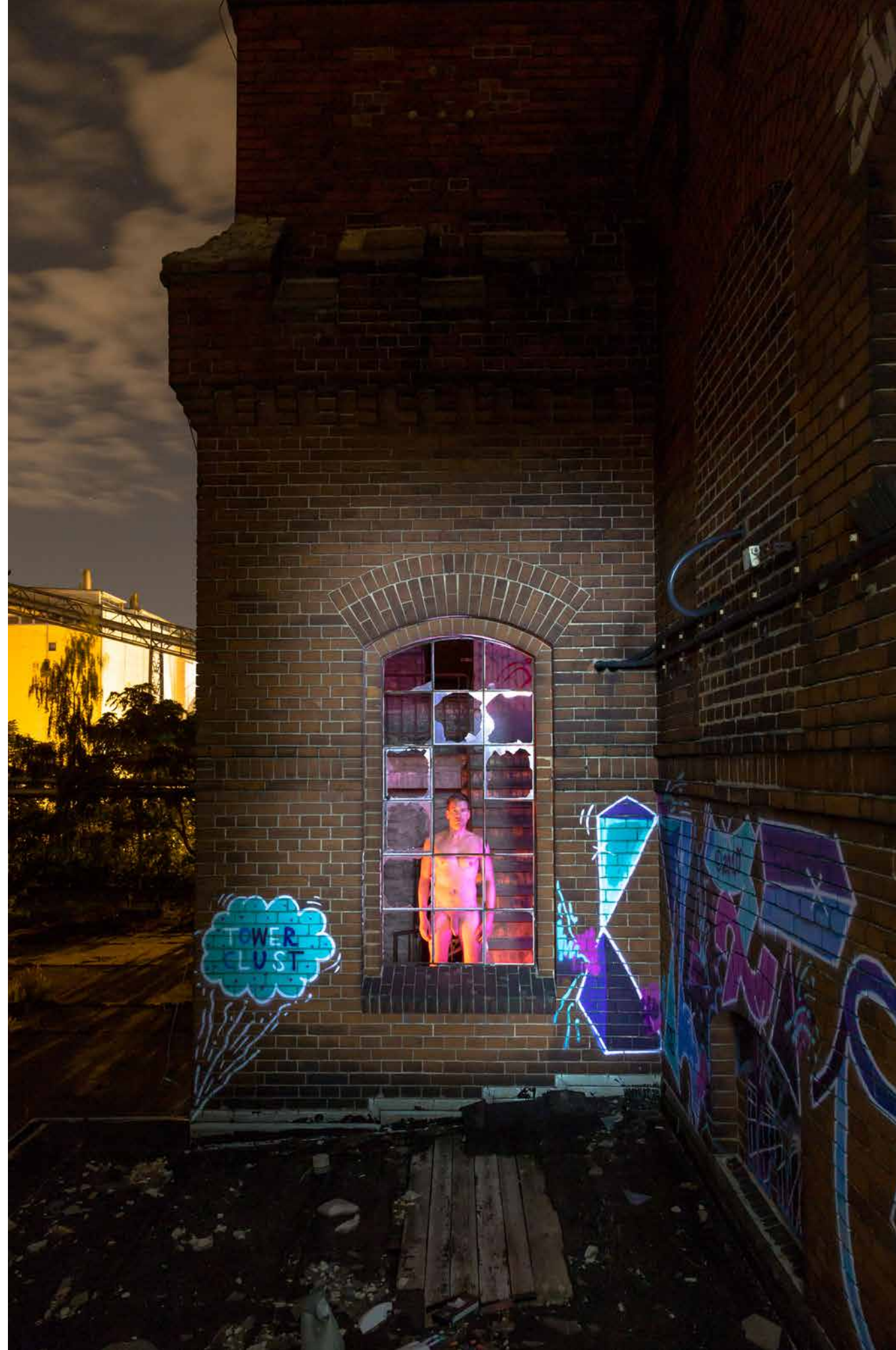
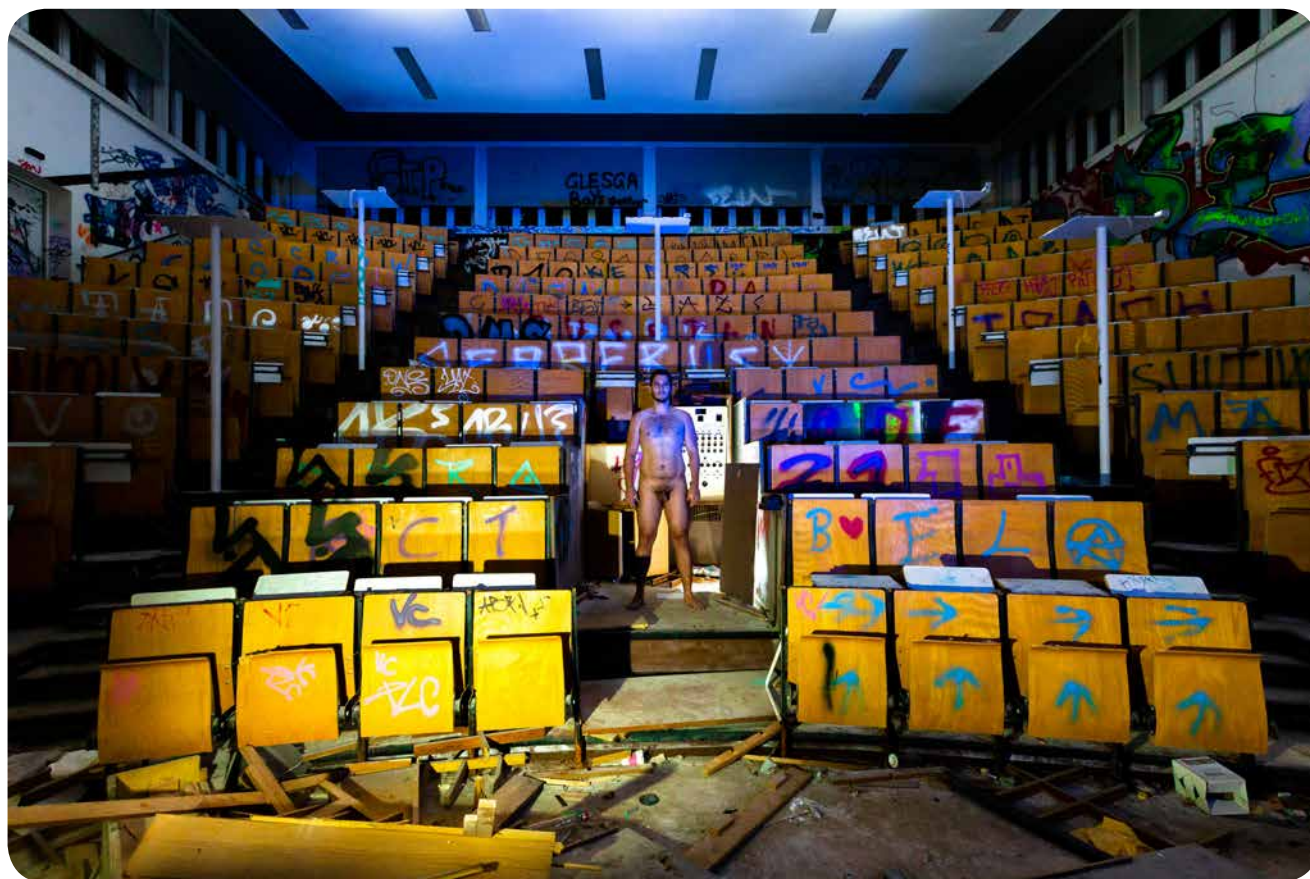
Adoro remexer na cabeça das pessoas e materializar, numa foto, uma série de conversas que levaram à produção daquela imagem.

Por exemplo, em seu projeto *Leia o perfil*, o pernambucano entra em contato com estranhos através de aplicativos de relacionamento e inicia uma série de conversas - que podem se estender por semanas ou meses - em que são compartilhados vários aspectos íntimos. A partir desse conteúdo, são criadas as imagens que se relacionam com o fotografado.

A figura masculina surgiu naturalmente, não só por gostos pessoais, mas também pela proximidade e disponibilidade de fotografar entre amigos e conhecidos. Por mais fácil que as conversas entre homens possam parecer, elas também são mais desafiadoras nas revelações e questionamentos.

Mas a nudez não veio de imediato. Quando começou a fotografar, Shaffer foi atraído pela fotografia noturna e pelo domínio da luz em ambientes não controlados. Os trabalhos de Lance Keimig e Cássio Vasconcelos o fizeram entender que a cor poderia ser um elemento estranho a ser inserido de forma inesperada em um ambiente através da figura humana. Então, explorando lugares abandonados com um amigo, o nu surgiu.

Nas imagens, o corpo é parte da representação do universo interior de um indivíduo. Então, mais do que em partes, penso na silhueta, no todo, como âncora para os temas que o fotografado me apresentou em nossas conversas.



*The long and darkening
road, 2018. Modelo: Luis.*





Nata Goiaíba, 2014. Modelo: Milton.

Fields of gold, 2017. Modelo: Charles.





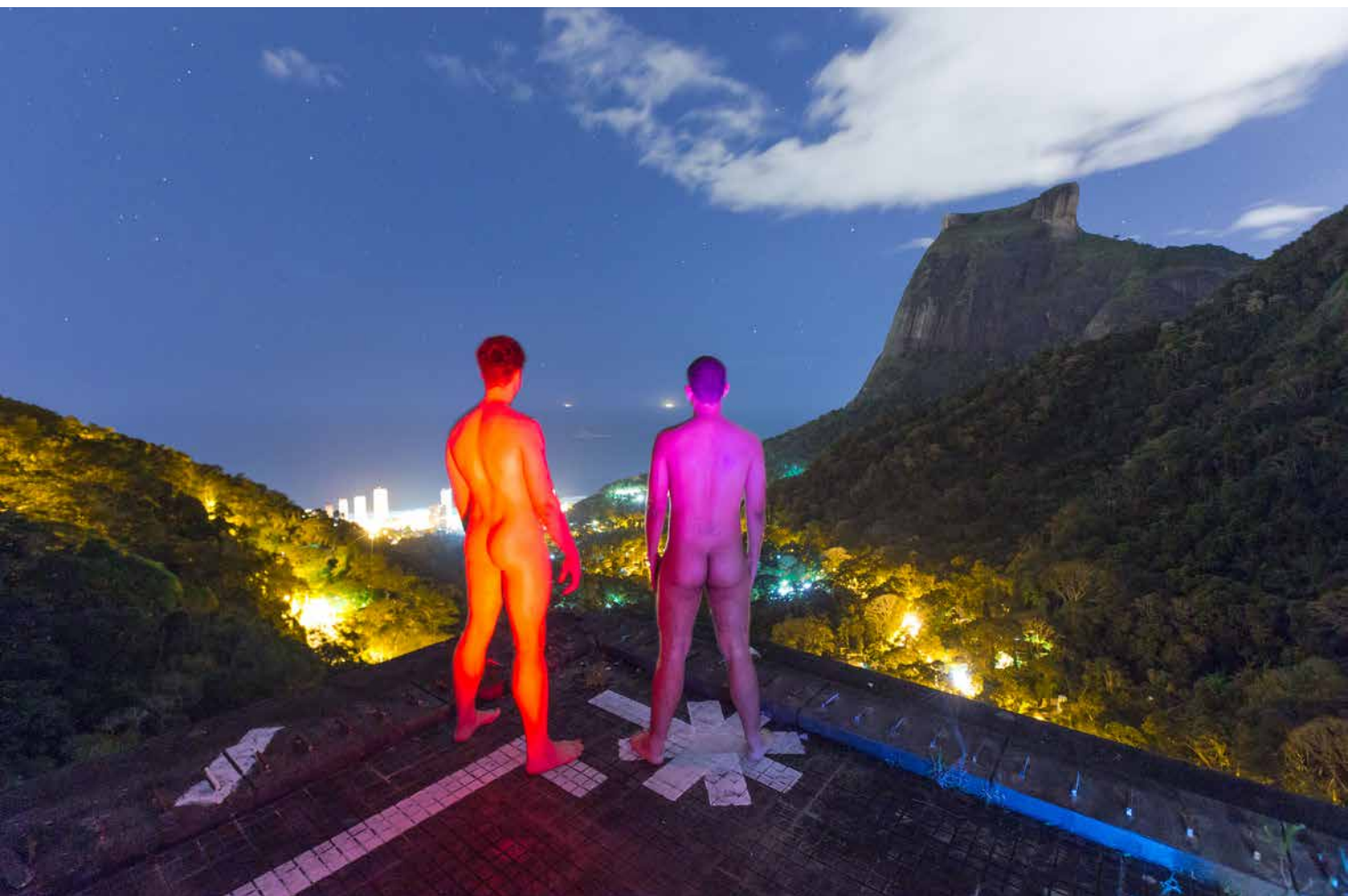
Série *Dreaming up The visit of oneself*, 2014. Modelo: Anônimo.



Light Zentai, 2016. Modelos: Matheus e Nathan.

Somente com o andamento do projeto e maior produção artística, conseguiu mostrar seus resultados e convencer desconhecidos a participarem. Alguns pedem anonimato e o nu frontal acaba condicionado às possibilidades do fotografado. Dessa forma, o falo é mostrado se for parte da narrativa desejada. Ereções são raras porque Shaffer não quer que o foco da imagem fique concentrado nelas (a não ser que sejam parte fundamental da ideia retratada).

Space Invaders, 2012.
Modelos: Anônimo e Shaffer.





Venus as a boy, 2017. Modelo: Henrique.

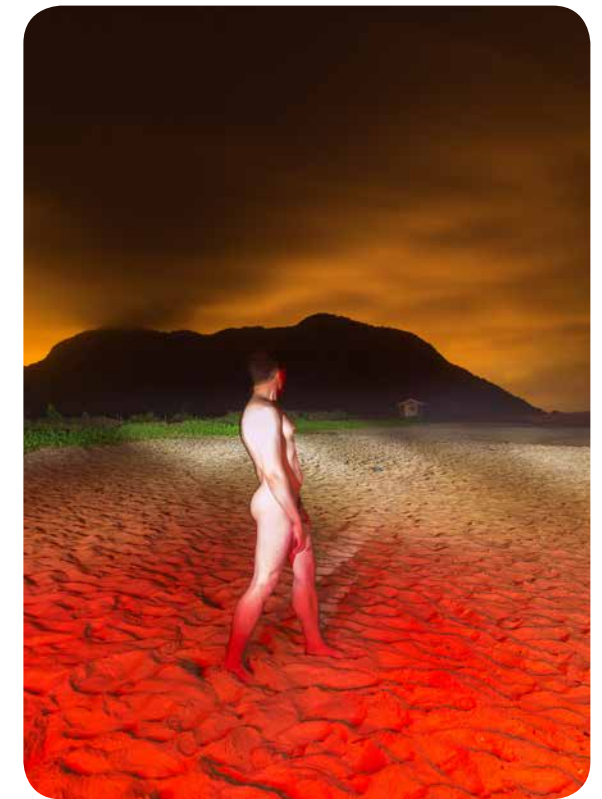




The call, 2011. Modelo: Anônimo.

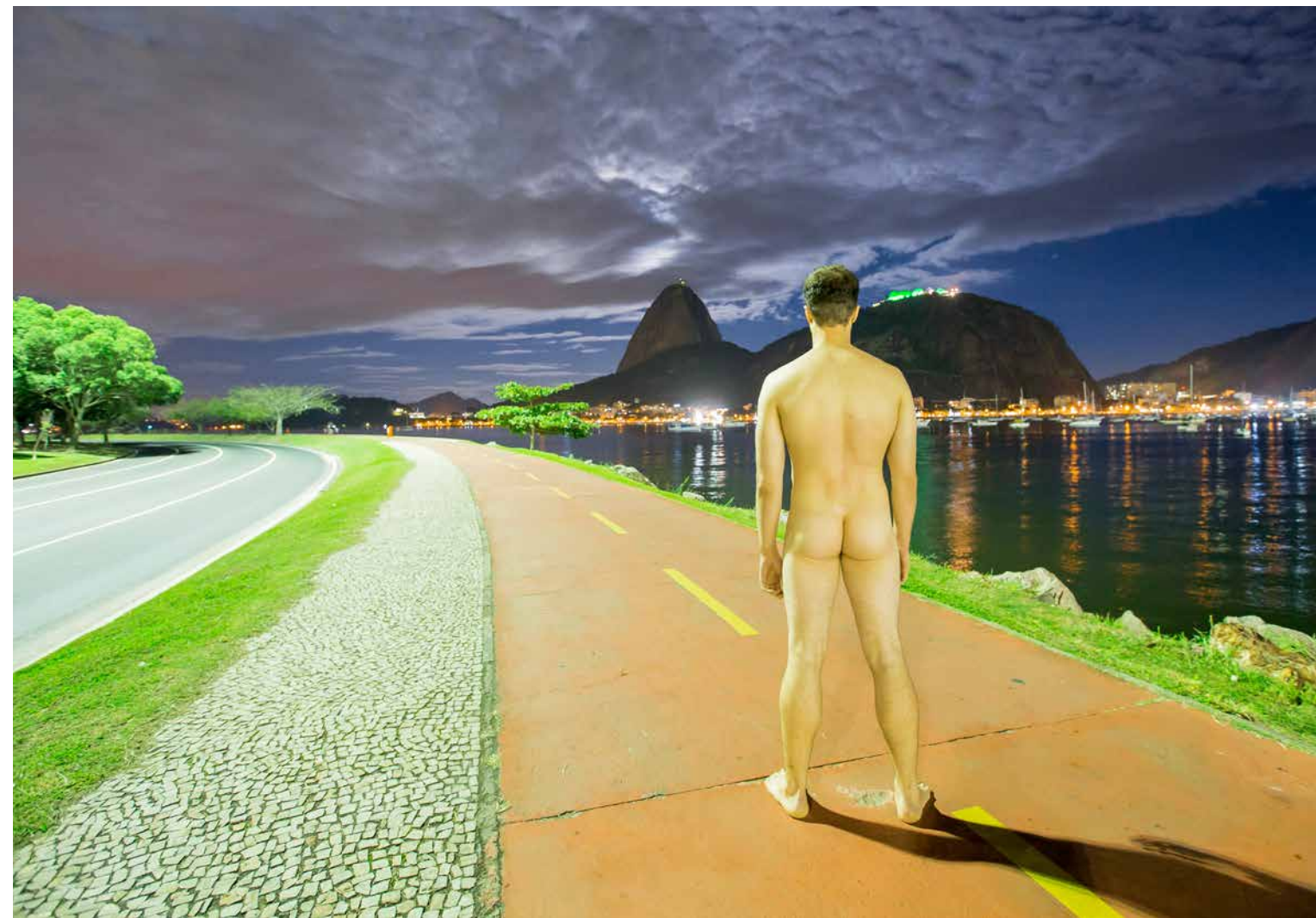
Ele entende que a popularização da internet e a facilitação do registro digital nas últimas décadas, mudou a referência da imagem masculina que vem sendo mais consumida. Contudo, toma um cuidado para não cair no ele chama de “nu institucional”:

Nesse rio desaguam e se misturam os veios da mera expressão de vaidade, autoafirmação, resgate de autoestima, tentativa de criação artística etc. Basta ver a profusão da exposição do corpo masculino em locais, situações, poses e cenas repetitivas e já vistas à exaustão, mas que seguem tendo apelo popular. Vivemos tempos em que muitos querem ser a obra de arte, ser o objeto da representação artística.



Twisted, 2014. Modelo: Matheus.

World Cup, 2014. Modelo: Matheus

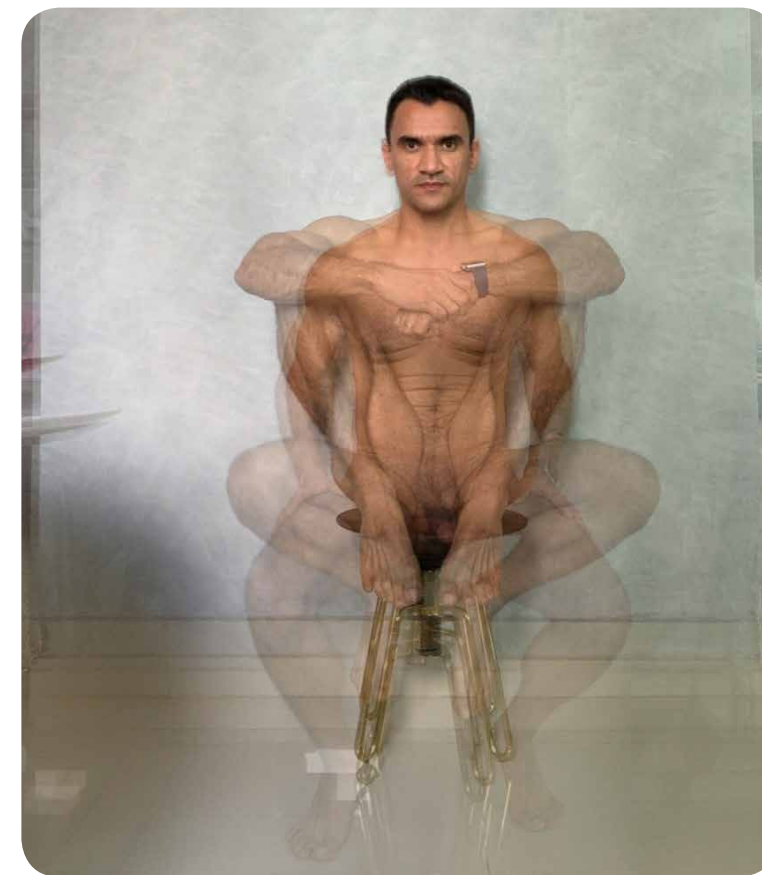




Após alguns feedbacks positivos e uma divulgação na grande mídia, passou a ter mais espaço para desenvolver seus trabalhos, fosse do *Leia o perfil*, de fotos dirigidas à distância com sobreposições posteriores (via internet) ou de fenômenos da poluição luminosa (“onde luzes de assentamentos humanos são usados como iluminação e relacionados a acidentes de relevo”).

Eyes that can't behold, 2016.
Modelo: David.

Viadutos, 2016. Modelo: Dann.



Roberto, Hélder e Leandro no projeto *Longa Distância* (2019-2020).



Está sempre em busca de referências distantes da fotografia que o levem a novos questionamentos, de ideias e relações que gerem imagens surpreendentes. Como os sonhos:

Tente se lembrar de seus sonhos ao acordar. Eles podem resolver metade da sua vida.

8=D



Adan



por Filipe Chagas

Era um fim de semana de inverno quando uma amiga perguntou para o engenheiro francês Adan se ele queria participar de uma aula de escultura. Como já curti assuntos criativos, aceitou e... pronto: paixão à primeira modelagem!

Adan não se sente confortável para falar de técnicas ou processos já que não teve uma educação formal em Arte ou em Escultura (“não me sinto direcionado a um estilo específico, apenas fazendo o que está em minha mente”). Inspirado por artistas do calibre de Pablo Picasso, Josep Maria Subirachs e Pierre Soulages, foi atraído por formas geométricas, linhas, movimentos e luzes que transformam suas ideias em realidade. Considera a gravidade seu maior desafio para um material “vivo” como o barro (“que me ensina a permanecer humilde até o fim”) e usa ferramentas não-convencionais em trabalhos figurativos que remetem ao corpo masculino.

Minha primeira escultura já era um nu masculino. Sempre foi intuitivamente inspirador, uma beleza natural em formas e linhas que merece destaque.

Homem andando, argila e pátina, 2018, vista lateral. Vista frontal no topo da página seguinte.

Perdido em sonhos,
argila e pátina, 2016.



Diamante negro, argila e pátina, 2016.



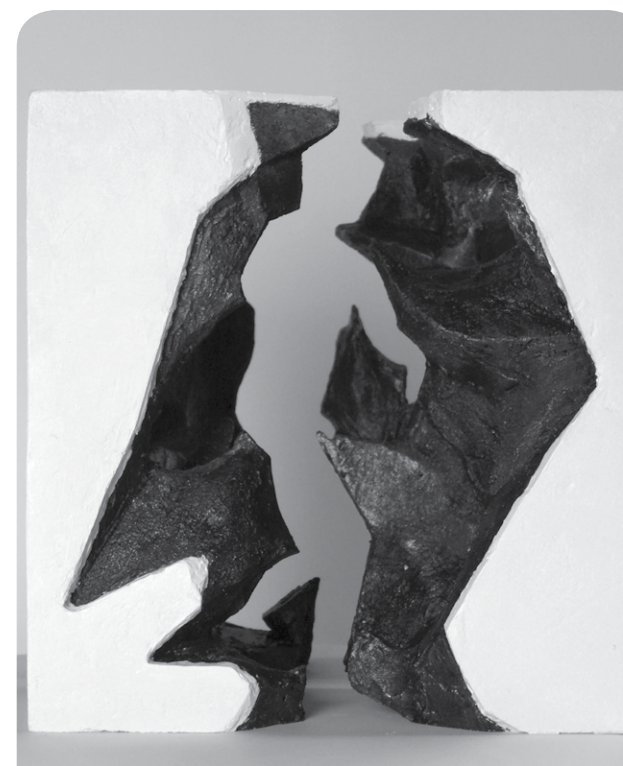
Curva sensual, argila e pátina,
2016, vista frontal e traseira.



Misterioso, argila e pátina, 2017.



Sombras, argila e pátina, 2018.
Vista superior e vistas laterais.





Totem, argila e pátina, 2018.

Sua percepção dos volumes é limitada pelo uso de imagens bidimensionais, e, assim, o torso masculino se torna um fator gráfico preponderante. Sobre o falo, Adan o entende como parte do corpo masculino e, portanto, não há razão para ocultá-lo ou ignorá-lo. Prefere reproduzi-lo em seu estado normal para ganhar movimento e sensibilidade ao invés da tensão sexual que uma ereção traz.

O falo dá impacto e personalidade ao trabalho. Quando estou esculpindo um pênis, acho interessante pensar que a maioria das pessoas não ficará indiferente. Isso é provocador. Contribui para a sensação de ter um trabalho mais próximo da realidade.

Poder e luz, argila e pátina, 2018.



Intimidade, argila e pátina, 2019.

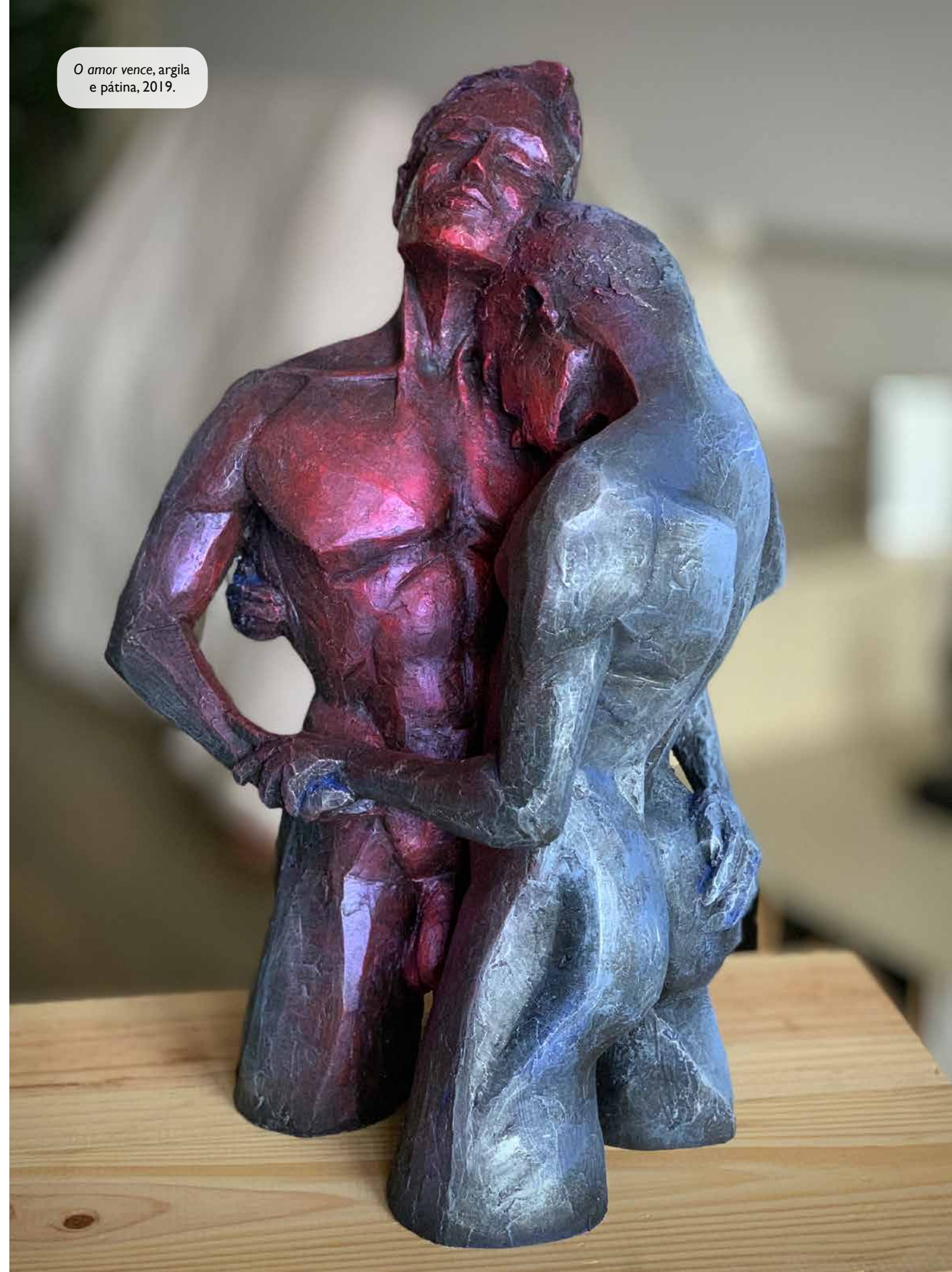


Acredita estar cercado por pessoas legais que deram retornos positivos sobre suas criações, mas sabe que não vai agradar a todos. Diz que contribui para o reequilíbrio da História da Arte, trazendo de volta a representação do masculino clássico.



Amantes, argila e pátina, 2017.

O amor vence, argila e pátina, 2019.





Segue, então, com inúmeros projetos e aconselha que os artistas devem fazer o que desejam sem se importar com críticas e censuras (inclusive as auto-censuras). Contudo, Adan tem dificuldade de se colocar na posição de artista. Considera-se um “cara de sorte que pode fazer o que gosta de fazer”:

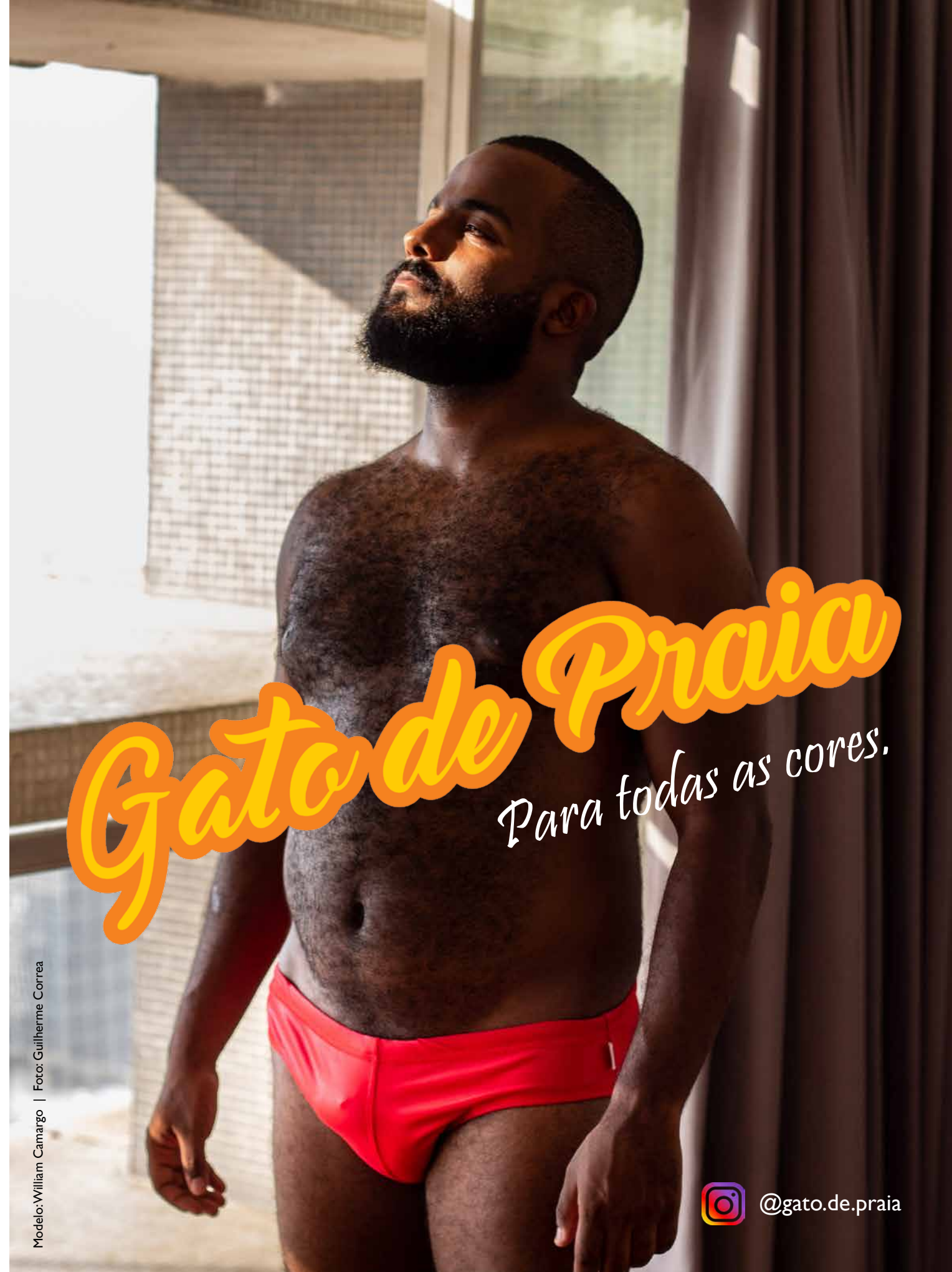
A arte é para mim, qualquer coisa que o mova e permita que você sinta a realidade de maneira diferente. A esse respeito, é relativo e pertence ao indivíduo decidir se o que vê é arte ou não.

8=D



Adan.

Dançarino, argila e pátina, 2017.



Gato de Praia
Para todas as cores.

Modelo: William Camargo | Foto: Guilherme Correa



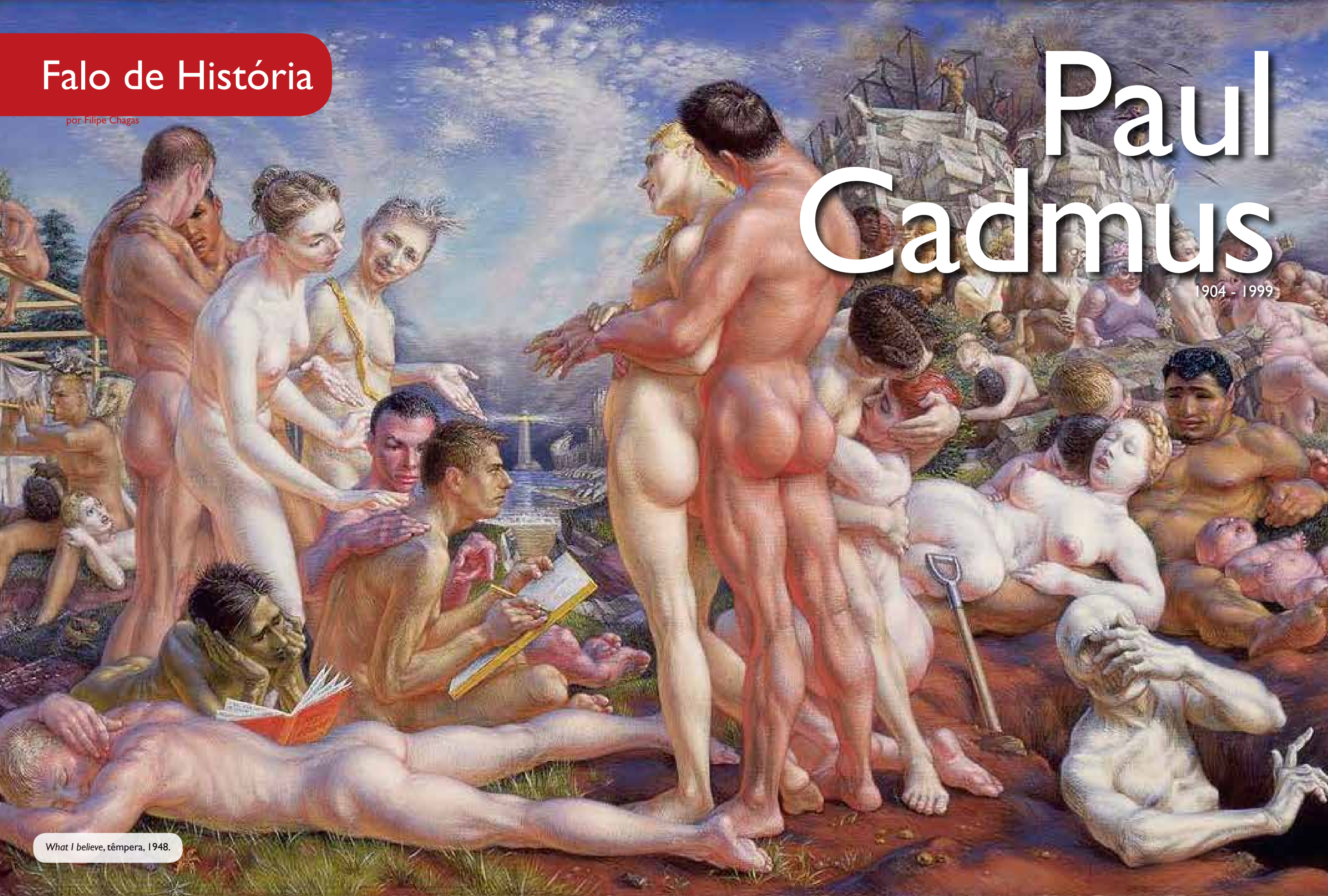
@gato.de.praia

Falo de História

por Filipe Chagas

Paul Cadmus

1904 - 1999



What I believe, têmpera, 1948.

Paul Cadmus (1904-1999) foi um pintor americano, mais conhecido por sua arte de cunho social, satírico e, por muitas vezes, erótico em ambiente urbanos quase grotescos e caricatos. Interessado na arte dos renascentistas italianos Luca Signorelli e Andrea Mantegna (também chamados de “mestres dos músculos”), Cadmus enfatizava a musculatura de seus modelos em um estilo semelhante ao realismo mágico, oferecendo um nível de detalhes intrincados além da vida observável.

Nascido em 17 de dezembro de 1904 em Nova York, decidiu seguir a carreira artística como seus pais (a ilustradora de livros infantis Maria Lata e litógrafo e aquarelista Egbert Cadmus) quando ainda era jovem: largou a escola aos 15 anos e se matriculou na Academia Nacional de Design da cidade de Nova York (hoje Museu Nacional da Academia e Escola de Belas Artes), onde estudou até 1926. Em seu terceiro ano, recebeu uma medalha de bronze por sua excelência em desenho de modelo vivo e, em 1923, já publicava semanalmente ilustrações no *The New York Herald-Tribune*. Em 1927 e 1928, estudou na Art Students League e, em seguida, foi trabalhar em uma agência de publicidade fazendo ilustração comercial.

YMCA Locker Room, têmpera, 1933.





Jerry, têmpera, 1931.



Entre 1931 e 1933, ele viveu com o artista Jared French. Os dois viajaram para a ilha de Maiorca, na Espanha, onde Cadmus criou as conhecidas pinturas *Shore Leave* e *YMCA Locker Room* (ambas em 1933). Cadmus considerou o retrato que pintou de Jared em 1931 seu primeiro trabalho maduro como artista. O retrato revela uma intimidade bem diferente de toda sua obra, porém, ao colocar French segurando uma cópia de *Ulisses*, de James Joyce – livro considerado controverso na época –, Cadmus construiu seu posicionamento satírico. A relação de Cadmus e French era de amor e amizade. Cadmus revelou que os acrobatas da obra *Gilding the acrobats* (1935) foram inspiradas em French, bem como a figura de John Smith no mural de 1938, *Pocahontas saving the life of Captain John Smith*, na Biblioteca da Casa da Corte em Richmond, Virgínia.

Gilding the acrobats, têmpera, 1935.



Pocahontas saving the life of Captain John Smith, mural, 1938.

Sem dinheiro, Cadmus retornou aos Estados Unidos e, por aconselhamento de sua irmã Fidelma, conseguiu emprego no Projeto Obras Públicas de Arte, onde criou vários murais para edifícios do governo, entre eles, *The Fleet's In!* (1934), uma obra de sátira social que descreve marinheiros em licença de costa e contém elementos de prostituição, homoerotismo e embriaguez. O trabalho enfureceu os oficiais da marinha e foi retirado de uma exposição na Galeria de Arte Corcoran, em Washington, DC, em 1934 e não foi exibido publicamente até 1981. Cadmus chegou a dizer que devia o início de sua carreira “ao almirante que tentou suprimi-la”.

The fleet's in!, têmpera, 1934.

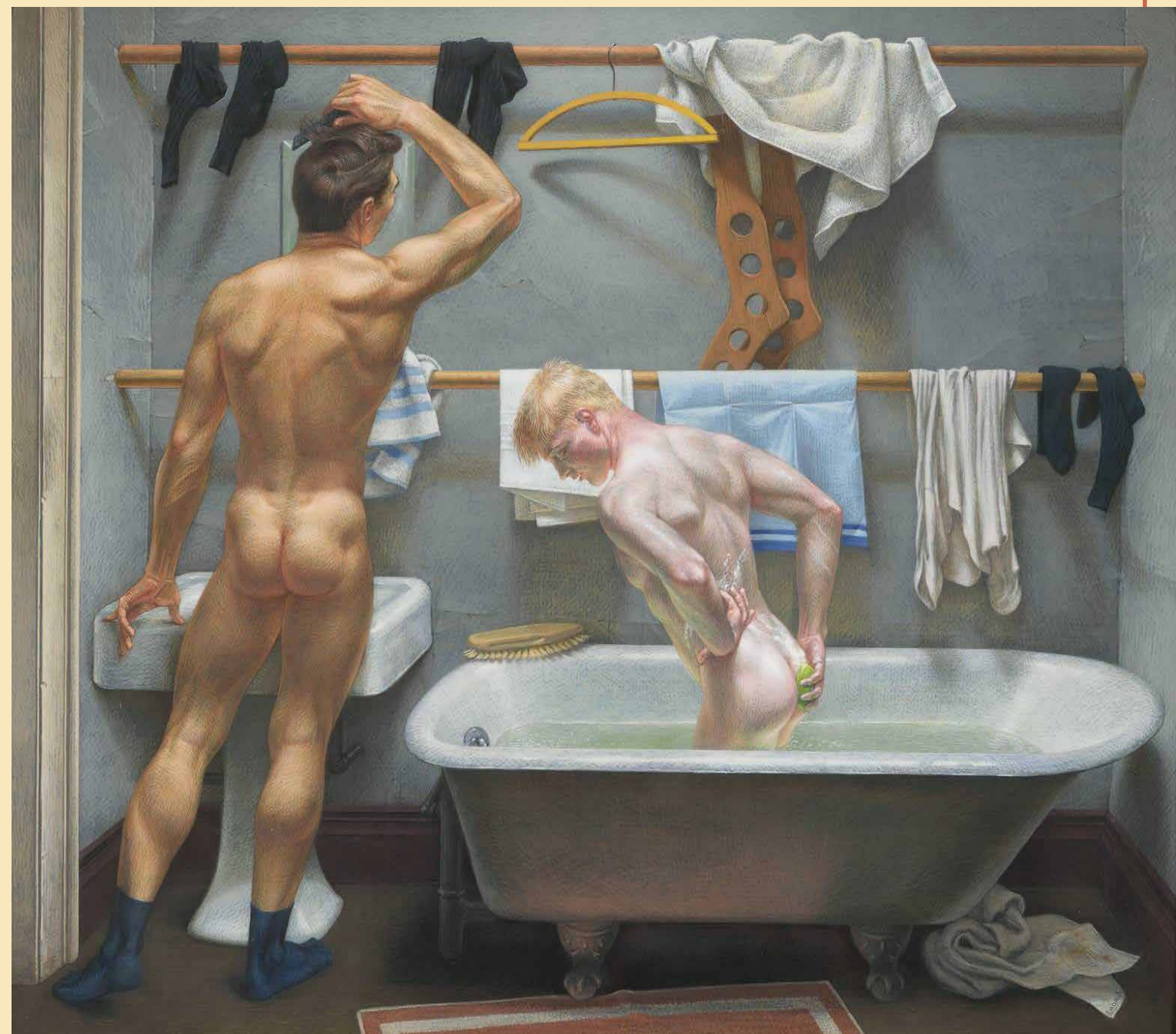


A controvérsia do “homem sórdido e comum” cercou várias outras pinturas de Cadmus, como *Coney Island* interpretado por corretores de imóveis como um insulto à vizinhança e um projeto de mural dos correios que foi cancelado por causa do humor cínico das cenas ilustradas. Essa publicidade acabou lhe rendendo um fascínio do público e, em 1937, mais de 7 mil pessoas foram ver sua primeira exposição individual em Nova York, onde também lançou um manifesto em francês no qual se declarava propagandista satírico para a correção de males morais que usavam “expressões subversivas, egoístas e depreciativas” das pessoas para transmitir uma “malignidade destrutiva”.



Coney Island, óleo, 1934.

The shower, têmpera, 1943.

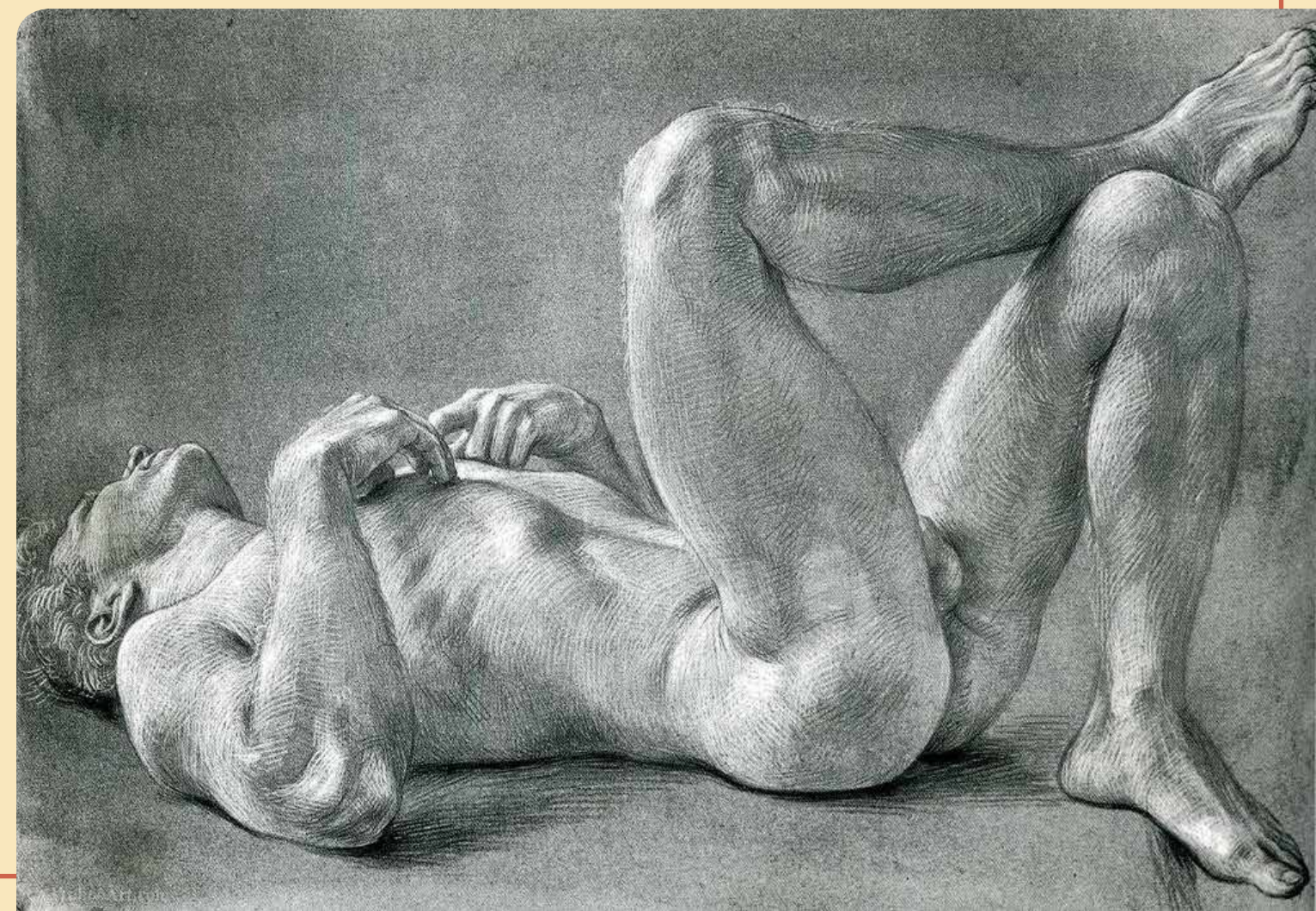


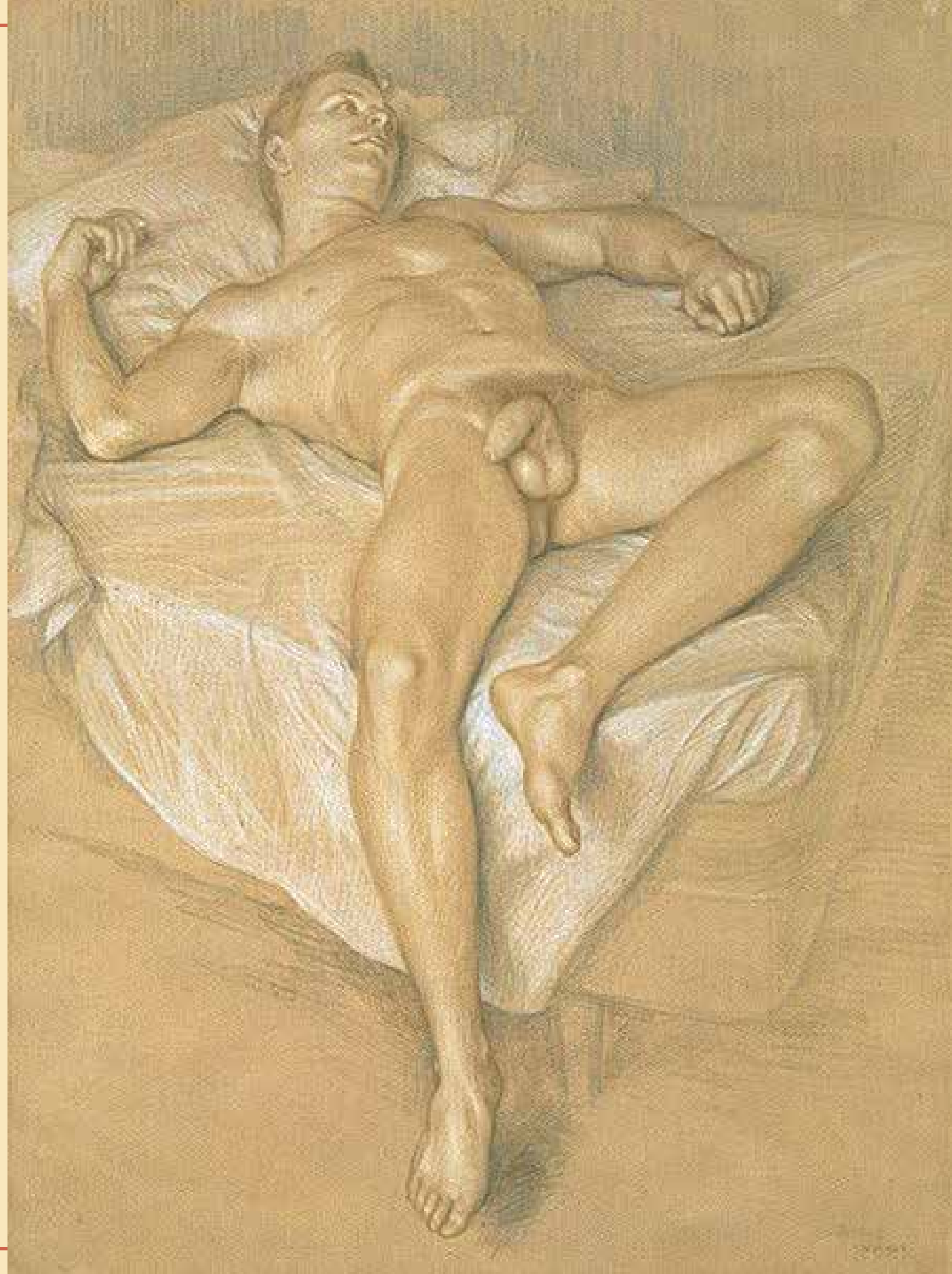
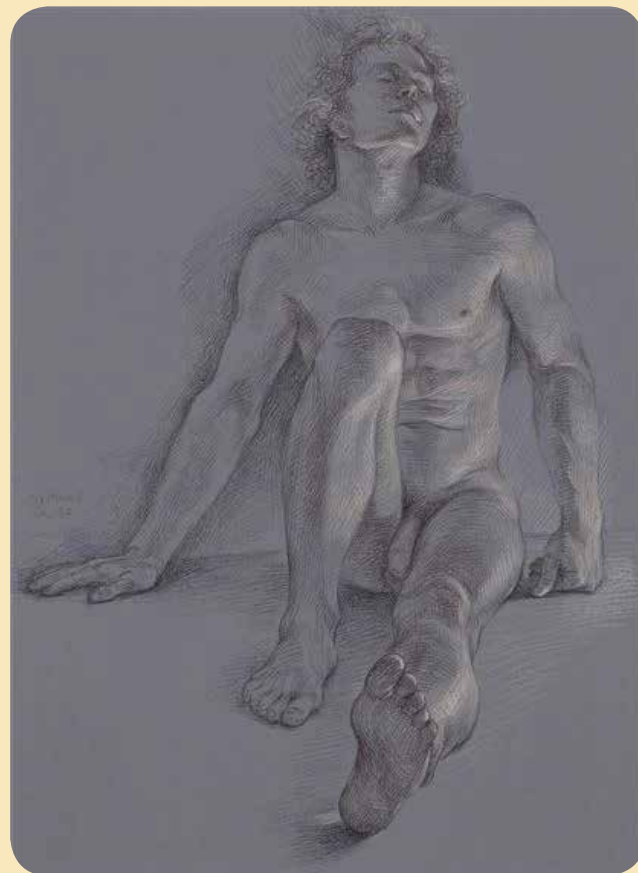
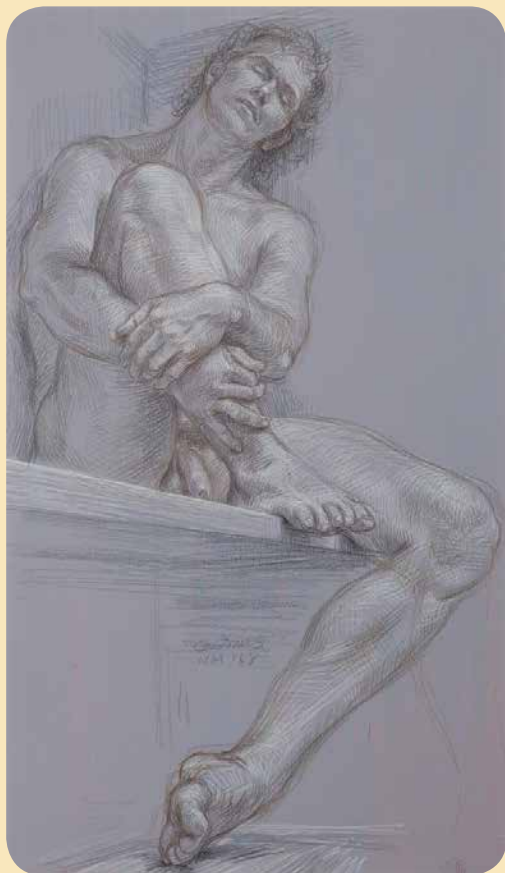
The bath, têmpera, 1951.

Embora o mundo artístico pós-Segunda Guerra Mundial tenha se voltado para um expressionismo abstrato e prestado pouca atenção a Cadmus, ele continuou trabalhando de forma constante, adicionando lirismo e autorreflexões em seu repertório. No entanto, por trabalhar com a demorada técnica de têmpera a ovo, sua produção de pintura não é muito extensa. Comparava as pinceladas delicadas da têmpera com “batimentos cardíacos, cada um igualmente importante, mas quase invisível ou imperceptível”.



Na página anterior, nesta e nas próximas duas páginas, desenhos em grafite, crayon, pastel e carvão ao longo da carreira de Paul Cadmus.







Finistere, têmpera, 1952.



Seu trabalho foi apresentado na maioria dos museus de arte americanos e incluído em várias exposições coletivas ao longo dos anos. Entre seus outros trabalhos notáveis estavam *Sailors and Floosies* (1938), a série *The Seven Deadly Sins* (1945-1949) e a sua maior pintura, *Subway Symphony* (1976). Ainda que trouxesse certa publicidade, o estilo satírico, a prática da têmpera, a insistência no figurativo e a temática homoerótica o tornaram quase um pária na História da Arte, e apenas em seus últimos anos começou a receber atenção. Em 1980, Cadmus tornou-se um acadêmico da Academia Nacional de Design. Morreu em Connecticut em 12 de dezembro de 1999. **8=D**

Pajama

Em 1937, mesmo ano de sua primeira exposição, Paul Cadmus se juntou novamente a Jared French e sua esposa, Margareth Hoening, para formar o coletivo fotográfico **Pajama** (PAul, JAred e MArgareth). Por aproximadamente oito anos, o trio fez várias fotografias de autoria colaborativa com seus amigos, jovens artistas, dançarinos e escritores de Nova York, como George Platt Lynes, George Tooker, Glenway Wescott e Jensen Yow.

Em certa ocasião, Cadmus explicou:

Depois de trabalharmos a maior parte do dia, saíamos tarde e fotografávamos quando a luz era melhor. Os resultados eram apenas brincadeiras. Distribuíamos essas pequenas fotos quando íamos a jantares, como cartas de baralho.

As fotos em preto e branco eram feitas na praia (Cape Cod e Fire Island) ou em ambientes fechados, vestindo roupas improvisadas e construindo conjuntos e adereços a partir da arquitetura e objetos encontrados. Cadmus preferia ficar atrás da câmera, enquanto French e Margareth eram modelos frequentes. As imagens quase oníricas costumavam servir de estudo para as pinturas dos artistas.

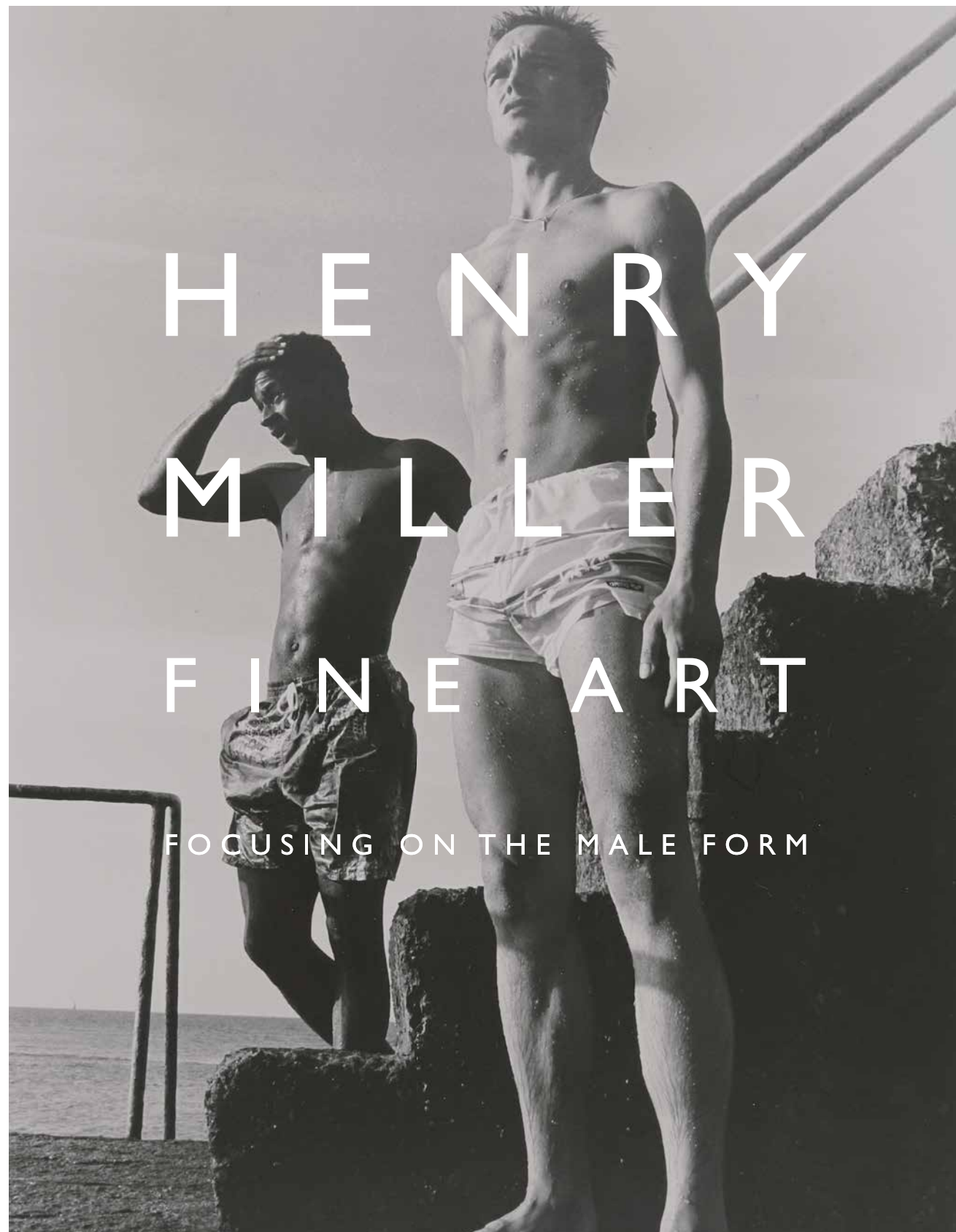
Grande parte do acervo fotográfico do coletivo se encontra no Smithsonian American Art Museum. A seguir, relíquias retiradas dos contatos fotográficos do museu.







Falo em Foco



WWW.HENRYMILLERFINEART.CO.UK +44(0)20 85092044
HENRY@HENRYMILLERFINEART.CO.UK (0)7769 700290



Estudo acadêmico, gravura em talho doce de Jean-Émile Buland, 1880.

Plástica genital masculina

por Dr. Alcemar Maia Souto

A Cirurgia Plástica tem como objetivo maior devolver ao indivíduo as funções de um membro ou órgão comprometido, eliminar um defeito congênito e melhorar a autoestima e as condições de vida. Acredita-se que essa especialidade médico-cirúrgica tenha começado com Sushruta, médico indiano do século VI a.C. – considerado por muitos como o “pai da cirurgia” –, que reparava os rostos de mulheres adúlteras que tinham seus narizes amputados pelos maridos.

A tecnologia melhorou a abordagem da cirurgia plástica bem como de todas as áreas da medicina, ao mesmo tempo que a indústria farmacêutica trouxe inúmeros medicamentos e produtos revolucionários. Novos conceitos e novas tendências são firmados constantemente ao ritmo do mundo moderno. Particularmente na cirurgia plástica estética, os produtos biocompatíveis estão à disposição de todos para serem usados com critério médico e sabedoria.

A indicação correta do uso de substâncias como a toxina botulínica (mais conhecida como *Botox*) ou produtos de preenchimentos como o ácido hialurônico é fundamental para um bom resultado estético, uma vez que onde e como estas substâncias serão usadas já tem protocolos bem definidos e destino certo. Portanto, propagar o uso destas substâncias por profissionais não qualificados é crime.

O interesse particular dos homens na cirurgia plástica, na grande maioria dos casos, está voltado para a melhoria de seus corpos através de lipoaspiração e ginecomastia* ou a melhoria de suas pálpebras quando os olhos já se apresentam com a aparência cansada. Em 2015, a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps) divulgou que mais de 400 brasileiros procuram anualmente procedimentos cirúrgicos para aumento do pênis.

*Ginecomastia é o crescimento fora do normal de tecido mamário em homens. Não é excesso de gordura localizada na mama masculina.

Nas fotos, pré e pós-operatório de paciente. (Fonte: Acervo particular)

Mas, afinal, o que a cirurgia plástica pode realmente fazer pela genitália masculina?

A lipoaspiração na região pubiana pode dar a aparência de aumento do pênis ao retirar a gordura próxima à base que o deixa “embutido”. Associada à **urologia**, muita coisa pode ser feita para a melhora dos genitais, como por exemplo:

8=D se um pênis é curvo para cima ou para baixo por uma má formação genética caracterizada por fibrose nos corpos cavernosos (*Doença de Peyronie*);

8=D abertura anormal da uretra, seja em outro local do corpo do pênis (hipospádias) ou em forma de fendas (epispádias);

8=D reconstrução de todo o pênis e bolsa escrotal em situações graves de infecções ou mutilações por acidentes ou queimaduras;

8=D ausência de um ou dos dois testículos (criptorquidia), seja por genética, doença ou acidente, quando são usadas próteses de silicone específicas para restituir o volume interno da bolsa escrotal.

Há também a correção cirúrgica da fimose, que melhora a higiene e previne doenças futuras. Porém, essa cirurgia normalmente chega à cirurgia plástica como questão estética.

Agora... se o problema é achar que seu pênis é pequeno e/ou fino, as soluções que circulam por aí não são consagradas no meio médico pelo excesso de riscos. Liberar ligamentos na base do pênis (*faloplastia*) até pode aumentar uns 2 centímetros no comprimento, mas pode comprometer a ereção ou o ângulo de sustentação do falo. Injetar substâncias como o ácido hialurônico ou gordura retirada do próprio paciente dentro do pênis no intuito de engrossá-lo pode acarretar flebites, trombozes ou deformidades. A internet traz inúmeros sites de solução para estes casos, desde o uso de medicamentos miraculosos até técnicas cirúrgicas duvidosas... Um território perigoso.



Doença de Peyronie (Foto: Internet)



Tem circulado questionamentos sobre o uso da toxina botulínica no saco escrotal para rejuvenescê-lo (chamado de *scrotox*), uma vez que a toxina relaxa os músculos da bolsa e assim ela fica lisa, flácida e relaxada. Mas cuidado: a bolsa escrotal é um órgão dinâmico que trabalha fisiologicamente o dia todo, ora relaxando ora contraindo, para favorecer a produção de espermatozoides e manter os testículos saudáveis.* Interferir neste mecanismo é buscar problemas futuros. Não existem pesquisas urológicas que comprovem a eficácia deste procedimento.

*Vide décima edição.

Um grupo de pesquisadores da Universidade de Munique acredita ter encontrado a resposta para uma pergunta que há séculos atormenta os homens: “qual é, afinal, a aparência do pênis ideal?” Segundo o estudo feito com mulheres, o critério mais importante é “a aparência estética em geral”. Em seguida, vem a aparência dos pelos pubianos, o estado da pele e a circunferência. O tamanho – centro das preocupações masculinas – aparece apenas em sexto lugar na lista de prioridades delas. Já a característica menos importante é a posição e formato da saída da uretra. Claro que esse resultado seria diferente se o estudo fosse feito com homens gays ou até mesmo que fossem os próprios homens falando de suas genitálias. Sendo assim, a conclusão científica é:

Nenhum aspecto peniano pode ser considerado individualmente essencial para que um pênis seja tido como atraente.

Cirurgia de Redesignação Sexual

É o procedimento cirúrgico complexo pelo qual as características sexuais/genitais de nascença de um indivíduo são mudadas para aquelas socialmente associadas ao gênero que ele se reconhece.

É também chamada de *Cirurgia de Redesignação de Gênero*, *Cirurgia de Reconstrução Sexual*, *Cirurgia de Adequação Sexual*, *Cirurgia de Reconstrução Genital*, *Cirurgia de Confirmação de Gênero*, *Cirurgia de Afirmação de Sexo* e *Transgenitalização*. Os termos comumente usados “mudança de sexo” ou “operação sexual” são considerados imprecisos. Os termos *Genitoplastia de Feminilização* ou de *Masculinização* são usados na literatura médica.

É preciso que fique claro que a Cirurgia de Redesignação Sexual é parte, ou não, da transição física de transexuais e transgêneros. Para os homens trans (*FtM*, *Female to Male* em inglês), inclui-se a remoção dos seios (mastectomia), do útero e dos ovários (histerectomia total), enquanto que, para as mulheres trans (*MtF*, *Male to Female* em inglês), também envolve a colocação de próteses mamárias (mamoplastia de aumento). Em ambos os casos, muitos também optam por cirurgias na face e lipoaspiração para se adequarem à aparência que desejam.

As técnicas atuais de reconstrução genital para homens trans usa enxertos da pele, músculos, vasos, terminações nervosas do antebraço ou da coxa do paciente e próteses para criar o *neopênis*. Contudo, ainda não criam uma genitália com qualidade estética e funcional satisfatória. Por essa razão, muitos optam pela metoidioplastia, que é uma cirurgia realizada após o crescimento do clitóris através de tratamento hormonal com testosterona. Em mulheres trans, faz-se uma “inversão peniana modificada”, mantendo tanto a próstata quanto a glândula bulbouretral para possibilitar lubrificação na *neovagina*.

A primeira Cirurgia de Redesignação Sexual aconteceu em 1931, na Áustria, e teve sua história contada no filme *A Garota Dinamarquesa*, de 2015. No Brasil, a primeira se deu em 1959 em um intersexual que se identificava com o gênero masculino. Já a primeira realizada em um transgênero ocorreu em 1971 envolta em uma série de polêmicas que acabou com o médico preso por dois anos. Em 1997, o Conselho Federal de Medicina do Brasil regulamentou a realização de cirurgias experimentais de mudança de sexo em hospitais universitários e, somente em 2008, o governo finalmente oficializou as cirurgias de redesignação sexuais no sistema público de saúde.

A idade mínima para fazer a cirurgia é 18 anos, depois de comprovada uma vivência social mínima de dois anos como o gênero com o qual o paciente se identifica. Além disso, o paciente deve ter acompanhamento psicológico, psiquiátrico e endocrinológico e apoio de um assistente social. Esse procedimento busca identificar se a cirurgia é realmente adequada, uma vez que é irreversível.

Espada de dois gumes?

por Filipe Chagas

Uma espada de dois gumes, além de perfurar, é capaz de cortar em seus dois lados por ser afiada em ambos*. É também uma expressão para criticar homens bissexuais, ou seja, aqueles que tem uma “espada” que gosta “corta” tanto mulheres quanto homens. Mas esse é apenas um dos muitos enganos que existem em torno da bissexualidade.

* Para ciência de vocês: um espada de esgrima é somente de ponta e perfuração, enquanto a katana, espada ninja, tem somente fio de um lado.

Em 2016, um estudo estadunidense revelou que a maior parte da comunidade LGBTQ+ era bissexual, porém, um estudo australiano de 2018 diz que somente 40% dos homens bissexuais assumem sua orientação. Por que será que a letra B parece ser a mais invisível do alfabeto *queer*?

A escritora Ashley C. Ford colocou no ensaio *I'm queer no matter who I'm with* (Eu sou queer não importa com quem eu esteja) que o fato de uma pessoa bissexual “não poder ser classificada imediatamente como homossexual ou como heterossexual, deixa as pessoas tensas” e isso faz com que muitos bissexuais se sintam pressionados a escolher um “lado”. Não surpreende que estas pessoas levem tempo para falar publicamente sobre suas sexualidades: enquanto algumas dizem que se descobriram bissexuais assim que começaram a se sentir atraídos por meninos e meninas, outras contam que levaram décadas para se identificar desta forma por se acharem “homossexuais em negação”.



Mesmo que Freud tenha popularizado a ideia de que a bissexualidade é natural à humanidade – em sua obra *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* de 1905 – e os *Estudos de Kinsey* das décadas de 1940 e 1950 tenham corroborado, não há um consenso científico que confirme isso. Na adolescência, com a identidade sexual em formação, é mais comum que ocorram experiências de descoberta e desenvolvimento da sexualidade. No entanto, isso não significa que esses jovens são bissexuais, já que eles podem não prosseguir com esse comportamento na vida adulta: pode ter sido uma prática isolada e não corresponder à orientação da pessoa. Clausura ou contenção (prisão, guerra, mosteiros etc) são outros exemplos de situações que podem alterar a sexualidade momentânea de um indivíduo, sem necessariamente significar uma orientação sexual.



São inúmeras as histórias em que o próprio parceiro do bissexual fica inseguro e aparecem questionamentos do tipo “será que ele está satisfeito?” ou “será que eu dou conta?”, mostrando que não é tão mais fácil ou “com o dobro de opções” como se fala. Os bissexuais podem, sim, ter um relacionamento monogâmico, com um único parceiro sexual e conjugal. O que conta é a questão da confiança e do tipo de relação que o casal tem.

Há também aqueles que acham que a bissexualidade é “apenas uma fase” relacionada à traumas emocionais. Outros colocam os bissexuais como promíscuos e indecisos e substituem o verbo SER pelo verbo ESTAR: “ele está gay agora, mas daqui a pouco muda” ou “ela está com aquele cara, mas adora uma

menina”. Toda essa bifobia dificulta ainda mais o entendimento dessa orientação, levando ao apagamento, à invisibilidade.

As associações de psicologia internacional estabeleceram que bissexualidade é quando a pessoa

tem desejos e consolida vontades sexuais com ambos os sexos, podendo sentir atração igual (ambissexualidade) ou ter preferência por um deles. Separar o desejo sexual do relacionamento emocional e/ou conjugal é importante para entender didaticamente esse conceito e não cair em questões culturais ou imposições sociais.

ENTENDEU? AGORA VAMOS DESCONSTRUIR!

Se faz mister entender que, quando se fala de sexualidade, não existem regras definidas ou conceitos inalteráveis já que a própria sociedade transforma-se com o tempo. Portanto, precisamos aceitar que hoje, no século 21, não existe mais a binariedade de gêneros homem/mulher.

A clássica sigla **GLS** (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) da década de 1990 se tornou, em 2008, **LGBT** (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais) numa tentativa de ampliar o escopo das orientações sexuais. Porém, como já foi criada sem dar conta de todas as possibilidades, rapidamente mudou para **LGBTQ+**, inserindo os *queers* (inglês para *estranho*, englobando quem se identifica mas não se encaixa) e um símbolo de adição para inclusão genérica. Com o forte ativismo e a busca incessante por identificação e visibilidade, a sigla foi ganhando outras letras: hoje se fala em **LGBTQQICAPF2K+**. Enquanto L, G e B se mantiveram, Travestis e Transsexuais foram separados por uma questão de identificação com o gênero biológico. Além dos *queers*, o novo Q seria para os que estão constantemente questionando sua identidade e orientação sexual e acabam incluindo os não-binários e os andróginos. Foram adicionados:

8=D INTERSEXUAIS: Quem têm características físicas e genéticas femininas e masculinas. Há algum tempo, elas eram conhecidas como hermafroditas, porque geralmente possuem a genitália (órgãos sexuais externos) de homem e de mulher.

8=D CURIOSO: Quem tem certeza do seu gênero e da sua orientação, mas se permite experimentar outras possibilidades.

8=D ASSEXUAL: Quem não sente atração sexual em geral; o sexo não faz parte das relações.

8=D PAN e POLISSEXUAL: Pan é quem sente atração sexual independente de gênero ou orientação sexual, aqueles que dizem que “gostam da pessoa”. Poli é quem sente atração por vários gêneros, mas não todos. Hoje se usa muito o termo “fluido” para quem transita entre as possibilidades.

8=D FAMILIARES: São os antigos “simpatizantes”, os familiares e aliados da comunidade.

8=D TWO-SPIRIT: Antiga identidade indígena norte-americana que não possui o padrão de gênero da sociedade como homem e mulher. Eles acreditam ter nascido com espíritos masculino e feminino dentro delas.

8=D KINK: Termo em inglês usado para quem tem fetiches sexuais.

Por mais maluca que essa sigla pareça, ela traz uma grande verdade: a sexualidade humana vai além de homem e mulher.

E como ficam os bissexuais nesse novo mundo diverso? Ainda mais perdidos. Antes um homem cis bissexual poderia se sentir atraído apenas por uma mulher cis e por outro homem cis. Hoje ele pode se envolver com transgêneros, agêneros e por aí vai. Um bissexual pode ir além da heterossexualidade e a homossexualidade, e escolher entre gêneros e orientações sexuais variadas. Dessa forma, acabam frequentemente associados aos pan e polissexuais.

A bissexualidade precisa estar conectada à antiga binariedade para existir, pois são as oposições homem/mulher, hetero/homo, cis/trans que garantem a existência da letra B. Porém, um mundo que questiona isso deixa a bissexualidade cada vez mais invisível.

Por isso, esse é o momento de ouvirmos as vozes daqueles que vivem isso desde suas descobertas. **8=D**

SÍMBOLOS DA VISIBILIDADE BISSEXUAL

A bandeira do orgulho bissexual foi desenhada por Michael Page em 1998 para dar à comunidade bissexual o seu próprio símbolo. Por muito tempo se falou que a definição de cores foi rosa para meninas, azul para meninos e o roxo como sendo a união dos dois. No entanto, a faixa Magenta no topo da bandeira representa a atração sexual/romântica somente pelo mesmo gênero, a faixa Azul embaixo representa a atração sexual/romântica somente pelo gênero oposto e a faixa central Lavanda funciona como uma sobreposição das atrações e sua ambivalência.

Muitos usam essas cores em triângulos sobrepostos, como uma Estrela de Davi, para ressignificar os triângulos usados nos campos de concentração nazistas. Porém, para evitar relações com o regime ditatorial, muitos usam duas luas crescentes espelhadas.

O dia 23 de Setembro é uma chamada às pessoas bissexuais, suas famílias, amigos e aliados para reconhecer e celebrar a bissexualidade. Foi criado em 1999 por três ativistas, Wendy Curry, Michael Page e Gigi Raven Wilbur, que queriam revelar que o preconceito sofrido pelos bissexuais vinham tanto dos heterossexuais quanto dos homossexuais.

Felipe



Sempre me achei uma pessoa tardia, uma vez que meu primeiro beijo foi aos dezessete e perdi a virgindade aos 21 (com mulher). Contudo, tenho a memória de diversos episódios da minha infância onde me percebi olhando para meninos de uma maneira diferente. Lembro nitidamente de uma propaganda de perfume, que tinha um jovem de calças brancas e camiseta verde, que sorria lindamente, pulava os pilares em um cais e olhava para a câmera com um sorriso delicioso. Assistia aquela propaganda inúmeras vezes, sempre escondido. Havia sido ensinado que aquilo era errado. Triste, mas verdade.

Certa vez fui convidado para uma festa e, como de praxe, fui com amigos porque minha companhia estava ocupada. Eu nunca havia ido a um lugar como A Gruta, um cubículo conhecido na cena underground de Belo Horizonte onde diversos tipos de pessoas, juntas, se beijavam livremente com o intuito de aproveitar a noite inteira dançando. Para quem vivia em um relacionamento heteronormativo monogâmico como eu, restava observar toda aquela beleza que acabou ecoando em minha mente.

Um mês depois, o relacionamento de 8 anos inevitavelmente terminou e eu entrei numa crise existencial. Não só pelo término, mas pela proximidade aos 30 anos. Comecei a questionar

tudo e uma curiosidade começou a tirar meu sono: e se eu ficasse com alguém do mesmo sexo? Conversei com amigos gays e um deles falou: “mas você pode ser bi tranquilamente”. Aquilo soou tão libertador! Eu teria um lugar, uma tribo!

Alguns meses se passaram até que eu beijasse um homem pela primeira vez. Antes eu só observava, até que, em uma festa... Deuses! O que era aquilo? Minha referência vinha das mulheres com as quais me relacionei e, de repente, aquela pegada! Uma sede física, como se já quisesse sexo ali. Passei a entender porque as mulheres ficam molhadas quando excitadas... Só que o corpo era igual ao meu! Sentir um pau duro na calça roçando no outro? Aquilo realmente me deu um nó na mente!

Voltei à propaganda da adolescência e lembrei de outros exemplos onde me senti atraído sexualmente pela imagem masculina, como, por exemplo, ir à praia para observar os corpos expostos. Na minha mente eu pensava “gostaria de ter o corpo como o dele”. Somente depois de começar a me relacionar com homens é que entendi as diferenças entre os desejos – a admiração e o sexo – e, assim, comecei a me assumir como bissexual.

Nunca tive medo de conversar sobre sexualidade com amigos e familiares. Alguns brincam que sou híbrido entre gay e hétero, principalmente na forma de falar, pois às vezes uso expressões e entonações do mundo gay. Me sinto bem livre entre pessoas próximas! Se bem que... acho que todo homem é hétero até receber um “cunete” bem feito...

Porém, com possíveis parceiros sempre me senti inseguro. A liberdade que veio quando descobri a possibilidade da bissexualidade trouxe também um rótulo com diversas frases, como:

“Ah! Mas ser bi é muito mais fácil! Você possui o dobro de opções!”

“Você teve um trauma com o fim do seu relacionamento. Essa fase vai passar”

“Uma hora você vai se decidir”

“Você ainda está nessa?”

“Você está com o quê agora: homem ou mulher?”

“Com homens você é ativo ou passivo?”

Só que a coisa não funciona assim. Assim como ver a onda orgásmica feminina me deixava louco, ver a gozada de um homem tinha o mesmo efeito. Tive a curiosidade de ser passivo, mas, acostumado a ser ativo por só me relacionar com mulheres, não sabia o quanto podia ser desconfortável sem estar relaxado. (nada que uma boa lambida não tenha resolvido).

Estar com homens me fez descobrir que “meter por meter” é pouco, que existem formas mais divertidas de se fazer sexo independente do gênero. O vínculo que se cria, a intimidade, permite que o corpo seja desfrutado por completo. Pude ficar com um casal de amigos, um homem e uma mulher. Foram poucas as noites juntos, mas é algo que almejo para a vida toda! Ter a liberdade e todas as possibilidades adiante é algo mágico. A dinâmica muda por

completo: são horas de sexo à três, um cuidando do prazer do outro. E, quando se acorda no dia seguinte, existem mais dois corpos para encher a cama!

Entendi, assim, que existem formas de se relacionar fora do padrão imposto e que podem ser muito mais leves e cheias de tesão, já que a escolha de um parceiro(a) único(a) é bem crítica e, muitas vezes, depende da aceitação do outro pela bissexualidade. Já ouvi de homens que eu os trocava assim que achasse uma mulher pra casar, bem como já estive com mulheres que ficaram na neura de jamais me darem o que só um homem poderia me dar. Normalmente as mulheres têm mais dificuldade de aceitar minha bissexualidade e pulam foram em quatro meses. Isso me traz frustração e insegurança com relação a minha auto aceitação, como se eu sempre fosse o problema, ainda mais depois de escutar as frases acima... Aqueles amigos mais observadores, rapidamente pegam no ar quando estou saindo com homem ou mulher, pois realmente tenho uma trava de segurança ao estar com mulheres.

Pessoas... a questão é: se eu estou com alguém é porque quero estar, é porque este alguém é fabuloso aos meus olhos, independente do gênero! A não aceitação ainda é grande. Com isso, aprendi que é necessário sempre conversar com o(a) parceiro(a) sobre tudo da relação, sobre monogamia ou não.

Christian

Me descobri bissexual desde muito novo, mesmo que de forma inconsciente, mesmo sem ter rotulado isso pra mim. Nunca tive certo na minha mente que deveria sentir atração por esse ou aquele gênero em específico. Os outros é que colocavam essas questões. Mas eu sabia que sentia “coisas” por meninas e por meninos, só que nunca exteriorizava, pois sabia que seria algo impossível de ser entendido. Como se fosse uma simples questão de múltipla escolha, eu tinha que optar por um ou outro e aceitar os prós e contras dessa escolha. E isso sempre me trouxe muitos conflitos, dores e confusão.

Existiram momentos onde cobreí de mim mesmo uma posição. Precisava me adequar mesmo que não me identificasse totalmente com um dos dois grupos. Me sentia uma farsa dos dois lados: eu não era hétero nem era gay.

E foi nesse paradoxo que fiquei por anos. Na minha mente, essas duas coisas coexistiam de forma harmoniosa e o estigma de promiscuidade e distanciamento afetivo dos bissexuais não se aplicava a mim (até mesmo pela minha idade). Mas sabia que no mundo as coisas eram diferentes.

Com o tempo, tive experiências muito positivas, como o acesso a livros que tratavam do assunto (o “Terceiro Travesseiro” foi um divisor de águas pra mim) e as conversas na internet com pessoas que sentiam as mesmas coisas e estavam na mesma faixa etária que eu (o que é muito importante nesses momentos). Assim, fui me percebendo melhor, me aceitando melhor entre crises de confusão e clareza, respeitando mais quem eu realmente era e tendo consciência de que antes de ser bissexual eu era um indivíduo único e que tudo bem ser assim.

Contudo, falar para as pessoas sobre minha bissexualidade era algo que me custava muito. Tinha muito medo de ser visto de forma banal, como se fosse um “tanto faz” limitado ao que estivesse em maior oferta. Quando eu sabia que, na verdade, ia muito além disso, que foi toda uma luta interna para que eu entendesse melhor sobre isso. Hoje me importo mais com o quanto as pessoas me conhecem do que propriamente com a visão que terão de mim por me definirem através de uma palavra. O que elas vão pensar é um problema delas e não meu ou causado por mim. Até porque não falo por todos os bissexuais do mundo.

Demorei até me sentir seguro e demonstrar fragilidade para mulheres, coisa que não chegava a ser uma questão com os homens. Gosto de saber que posso dividir responsabilidades dentro de uma relação, seja ela com quem for. Que não é necessário que tudo dependa de mim, seja o que for.

Pra mim o sexo é muito importante para a conexão emocional, mas ela já deve existir muito antes disso. Logo fica difícil eu colocar limitações físicas ou biológicas nisso tudo. Gosto do todo, do beijo, do cheiro, do toque...e sim, são diferentes em cada gênero. Diferentes, não melhores ou piores. O que vai determinar isso é a conexão.

Procuro aceitar meus desejos e anseios todos os dias sem que eu precise me afastar deles. Tenho muito bem separado o que eu quero pra mim e como me sinto confortável. A maturidade trouxe isso, mas ainda tenho muito a aprender e a desconstruir esses papéis sociais. Sinto-me mais cúmplice, mais seguro, mais leve, mais parte de algo. O que antes me trazia insegurança (por ter sido criado para liderar tudo a minha volta), hoje me deixa mais à vontade e com tempo para outras coisas. A vida é um eterno aprendizado.

Ser bissexual é uma experiência marcada por conflitos e frustrações, mas também de muito autoconhecimento. Não escolhi ser assim, mas aprendi a ter orgulho de quem sou, a levantar essa bandeira e a ajudar outras pessoas nessa descoberta, sem julgamentos e possibilitando que elas reconheçam antes de tudo quem elas são.



Sam

Só comecei a explorar minha sexualidade há cerca de um ano e identifiquei como Bissexual / Queer. Anteriormente, só tinha relações com mulheres e apreciava os homens, mas nunca senti vontade de agir sobre isso. Quando comecei a namorar homens, ficou bem claro que meu apreço havia se transformado em desejo.

Meu grupo de amigos é uma mistura de pessoas heterossexuais e LGBTQI+, então dizer para eles nunca foi um problema ou assustador. Sou muito privilegiado por ter uma família muito aberta. Falar sobre minha sexualidade para eles foi muito tranquilo. Estava ansioso para contar aos meus pais apenas pelo fato de serem de outra geração só me conhecerem namorando mulheres. Eu estava preocupado de que eles pensassem que eu estava confuso ou desconfortável comigo mesmo. Eu não poderia estar mais errado: eles foram extremamente solidários, especialmente minha mãe.

Embora eu me refira como bissexual, acho que o termo carrega muito estigma e, por isso, às vezes, me sinto mais confortável usando o termo genérico 'Queer', pois impede as pessoas de fazerem um milhão de perguntas ignorantes. Para os homens, ou você é rotulado como confuso ou você recorre ao rótulo de bissexual como um passo antes de se tornar gay. As mulheres bissexuais, por outro lado, são vistas como um fetiche e completamente sexualizadas pela sociedade. Insaciável, infiel, promíscuo são outras palavras negativas lançadas no rótulo bissexual, um estigma alimentado por desinformação e ignorância.

Pessoalmente, não gosto de comparar meus sentimentos ou desejos pelos diferentes sexos. A sexualidade é tão fluida que, se eu dissesse hoje que prefiro um gênero a outro, uma semana depois poderia ser uma história diferente. Eu amo um homem ou uma mulher igualmente como parceiro. Eu tive relacionamentos com ambos os sexos, alguns mais sérios que outros, mas todos igualmente bonitos. Pra mim você tem que separar o gênero do relacionamento.



Eu estava acima do peso quando criança e isso me levou a me esconder completamente e a não mostrar meu corpo em público ou intimamente por sete anos. Isso me levou a trabalhar com o corpo e a nudez como um tema recorrente na minha prática de artes visuais. Tive a oportunidade de trabalhar com Spencer Tunick, um fotógrafo que usa a nudez em encontros de larga escala. Logo na primeira sessão, me vi cercado por 70 pessoas nuas de todas as idades, sexos e cores. Fiquei admirado com o quão confortável estavam em suas peles. Independentemente do seu gênero ou do que você tem entre as pernas, você é uma pessoa. Todos somos iguais. Todos nós queremos sentir amor. Foi muito inspirador.



Autorretrato para o ensaio
Lonely for you only.

Francisco

Na verdade, eu não me identifico como bissexual. Apesar de gostar de homens e mulheres, eu gosto das pessoas em si mais do que dos gêneros (muitas vezes confundidos com seus genitais). Isso tampouco quer dizer que gosto de homens da mesma maneira que gosto de mulheres. Existem pessoas fora da binariedade que eu posso ter desejo sexual, e isso me leva para além da bissexualidade. Também não sou somente um “homem que gosta de homens e mulheres”, uma vez que eu mesmo não me identifico nem como homem nem como mulher, independente da minha aparência e genitais masculinos. Portanto, poderia dizer que sou bissexual quando estou com um cara e uma menina e posso beijar a ambos ao mesmo tempo. A eles e a outros.

Não consigo ter essa conversa com todo mundo. Quando a outra pessoa não me importa, eu digo “sim, sou bissexual”. A quem eu creio ser importante, explico que gosto das pessoas independente do gênero com que elas se identificam. Ser questionado por sua sexualidade torna-se uma posição ambivalente dentro de um terreno aparentemente dicotômico: “não importa seu sexo, mas você tem que gostar ou de homens ou de mulheres”. Então, ser bissexual é muitas vezes visto como insaciável, que “joga nos dois times”, que não se importa com quem está. Por isso, acho a bissexualidade mais difícil do que a homossexualidade, já que até os gays perguntam “por que você gosta de mulher?”. E as mulheres não acreditam no seu desejo heterossexual porque, afinal, você também gosta de pau.

Comigo não é 100% igual. Hoje estou homossexual, mas, de tempos em tempos, sinto essa energia sexual dentro de mim voltada para uma mulher. Acho que é algo socialmente incorporado e sinto mais desejo sexual por homens. É algo mais carnal, de corpo. Com mulheres, me conecto a partir do afeto e, conseqüentemente, isso se desdobra na minha sexualidade. Do ponto de vista da minha performance no sexo, quando sou uma mulher na cama com um homem, não necessito sentir muito afeto. Pode ser nada mais do que carne e prazer. Quando sou um homem ativo, seja com homem ou mulher, o faço a partir de uma base de conexão emocional com a pessoa, de amor e carinho. Não saberia explicar, mas identifico as diferenças dos “gêneros socialmente construídos” nas minhas formas de relacionamento com homens e mulheres, bem como na forma que gosto de um ou de outro.



Acho que o mais importante sobre a forma como me relaciono com o meu corpo independe de com quem eu estou. Volto à co-substancialidade do gênero e da orientação sexual, ou seja, gosto de me sentir bonito e atraente para quem quer que seja. Quando estou com uma mulher, gosto de acentuar as características mais masculinas da minha aparência e do meu corpo. Quando estou com um homem, gosto de ser “mais feminino”. Porém, também gosto de me relacionar com mulheres a partir da minha feminilidade (o que também seria bissexualidade), bem como gosto de ser “dois homens na cama”.

Assim, tudo sobre minha bissexualidade depende da minha posição frente a pessoa que vou me relacionar: se gosto dos dois gêneros é porque também tenho duas formas de ser e elas também gostam desses gêneros.

Marcus

Meus pais são de uma dessas igrejas evangélicas tradicionais, sabe? Então, o fato de ter consciência que minha sexualidade era

diferente da “norma” sempre teve um peso bem grande pra mim. Porém, a questão de bissexualidade em si demorou bastante pra eu conseguir entender.

Quando era pequeno, sempre me sentia desconfortável ao me sentir atraído por meninos e negava isso. Tirando casinhos adolescentes, nunca namorei mulheres e cheguei a me questionar se era apenas um interesse sexual ou alguma impossibilidade/dificuldade de me envolver emocionalmente. O tempo passou e arranjei um namorado. Minha família acabou descobrindo e vivi muito tempo me sentindo “gay”: afinal, se homens me atraem, eu só podia ser gay. Levei um tempo pra perceber que eu não era “só” gay.

Parte desta descoberta veio com o desconforto de ouvir como vários gays próximos se referiam à buceta: sempre com nojo. Sempre achei isto bizarro: normal falar que não se interessa, mas sentir nojo? Eu nunca tive essa relação de nojo com buceta.

Mas a percepção veio mesmo quando ouvi uma cantora falar sobre sua descoberta como bissexual depois de questionar a ideia de que cada um se interessa apenas por um tipo de corpo, geralmente baseado na genitália da pessoa como objeto de desejo. Infelizmente, essa ideia é bem presente ainda, mesmo no meio gay.

Tenho um relacionamento bem “sex positive” (aberto e tranquilo quanto à sexualidade) com um menino, mas ainda vejo certa resistência com o meu desejo em relação à meninas. Nunca usei o termo “bissexual” para me descrever para ninguém na real. Talvez parte por covardia e parte por preguiça de levantar bandeira de uma sexualidade praticamente apagada e ainda ter que lidar com esse sentimento de me explicar pra quem não entende a atração por pessoas de gêneros diferentes. Acabo vivendo mesmo como um menino gay que eventualmente fica com alguma menina.



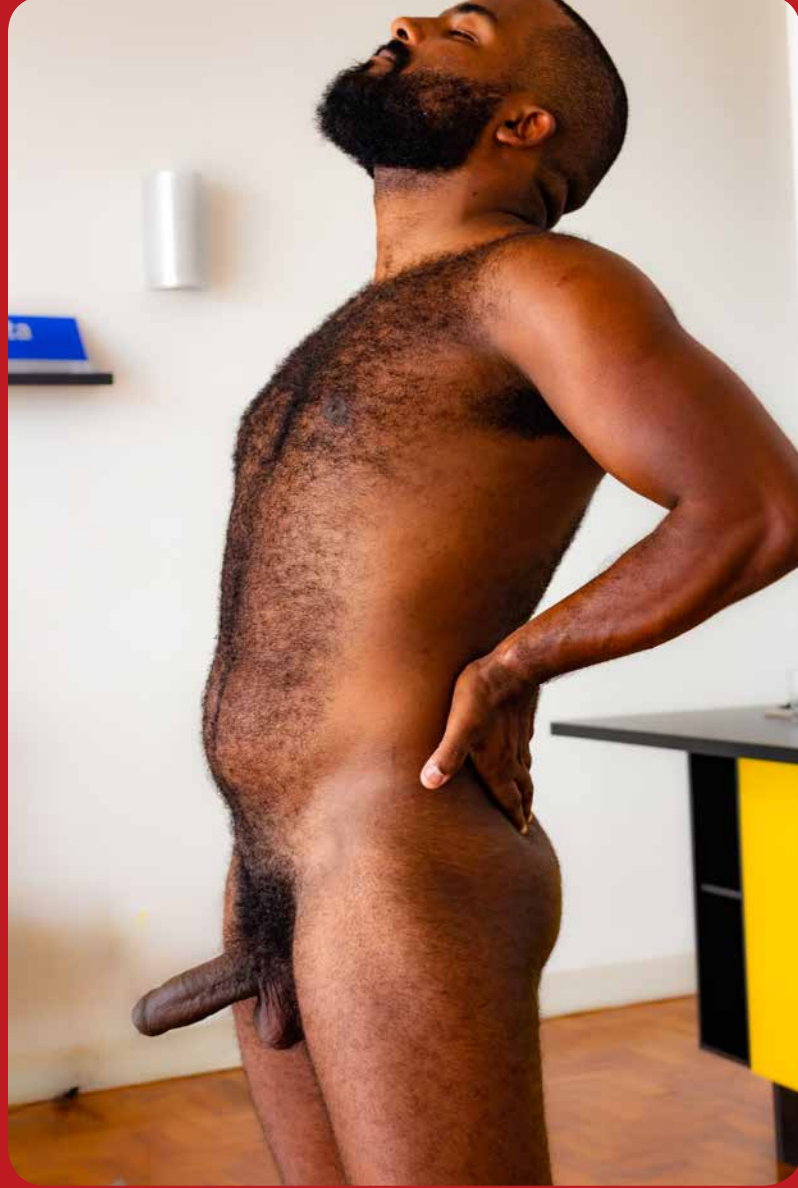
S. F.

De início, gostaria de deixar claro que sexo era assunto proibido na minha família! Ainda é. Então, o pouco que aprendi foi vendo filmes pornô, indo a cinemas de filmes de sexo explícito ou com amigos na infância.

A fase da adolescência foi a mais difícil, porque minha família evangélica colocou na minha cabeça que sexo era somente depois de casado e homossexuais iriam direto para o inferno. Porém, algumas brincadeiras com amigos eram de comparar as rolas, conversar o porquê delas ficarem duras, qual seria o prazer da penetração em uma genitália feminina! Às vezes rolava umas punhetas, um esfregar de glândes, até um docking... confesso que isso sempre dava um tesão enorme! Nesta época, passei por um abuso dentro da minha família e por um assédio dentro da comunidade evangélica.

Com minha educação castradora, você já deve ter imaginado a confusão que ficou minha cabeça entre admitir o desejo e a culpa do pecado! Sempre achei lindo o corpo nu, seja ele masculino ou feminino... Mesmo adorando o sexo oposto nunca deixei de admirar a beleza masculina. Mas não me sinto confortável em falar para os outros que sou bi. Acho que pela educação repressora que tive e pelos abusos que sofri.

Hoje ou casado com mulher, tenho um filho e faz um bom tempo que não sei o que é ir pra cama com outro homem. Me considero um nudista e aceito meu corpo como ele é, me sinto confortável! Respeito e admiro o corpo dos outros. Acho que muitos homens sabem fazer o outro gozar com muito mais prazer e intensidade do que uma mulher, porque eles sabem como e onde fazer carinho. Mas as mulheres tem seu valor no sexo. Embora tenham diferenças, cada um tem seu mérito, gosto e sabor!





Histórias Íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil

de Mary del Priore (2011)

História dos Homens no Brasil

organizado por Mary del Priore e Marcia Amantino (2013)

Ler livros sobre a história da humanidade escritas por gente considerada especialista deveria nos garantir o acesso à informações importantes e (por que não?) imparciais. Ao me debruçar sobre dois livros da famosa historiadora Mary del Priore, percebi o quanto isso é impossível.

Primeiro peguei o livro que já tem na capa o selo de “autora best-seller” como uma chancela de “obra prima”. Claro que isso elevou minha expectativa, principalmente sendo um livro sobre a sexualidade e o erotismo na história do Brasil. Pois é... Expectativas. Por que criá-las, né?

Começa que o livro tem uma diagramação péssima! Por ser designer com larga experiência no mundo editorial, me vi perdido constantemente sem saber se o texto era uma citação de alguém ou se era fala da autora. Com isso fui ficando com raiva, achando que a tal “autora best-seller” estivesse se aproveitando do projeto gráfico para tomar o pensamento alheio. Tentando deixar isso de lado para aproveitar o realmente interessante conteúdo, me deparei com outros dois problemas complementares: a superficialidade e a zigue-zague cronológico.

“Como assim você está chamado A Mary del Priore de superficial? Heresia!” Deixa eu me explicar... Claro que não dá para contar a história de um país com detalhes ordenados cronologicamente (ou dá?). No entanto, a autora superestima os leitores em vários momentos, como se fosse nossa obrigação saber de algumas passagens cruciais – tipo, *se não sabe, dá um Google*. Além disso, o texto fica constantemente indo e voltando no tempo sem dizer de quando saiu nem para quando está indo, criando um vórtex temporal que desconecta os capítulos.

E não parou por aí... talvez o meu maior descontentamento com o livro foi o viés dado. Sem querer começar uma “guerra dos sexos” (mas já começando), não acredito que a autora tenha sido imparcial ou, ao menos, tenha realmente tentado enxergar todos os lados da história. Por ser mulher, é perceptível no texto o quanto o homem é vilanizado e a mulher vítima. Entenda: sei que somos uma sociedade machista patriarcal chauvinista preconceituosa racista homofóbica etc etc etc... mas cadê o olhar sobre o homem? Cadê o estudo sobre os efeitos dessa mesma sociedade sobre o masculino?

Por essa razão, procurei um livro sobre a história dos homens. Qual não foi a minha surpresa quando achei o livro “História dos Homens no Brasil” organizado pela autora best-seller! Imaginei: “ah, agora ela vai dar o olhar devido”... Mas não foi bem assim. Como o livro é um conjunto de artigos, os discursos convergem e até apresentam um olhar menos “vilanizador” sobre o homem, mas a diferença de escritas confunde muito. Por exemplo, um texto sobre escravidão dá números estatísticos sobre escravos homens fugidos que estiveram num jornal específico de uma época e outro texto fala sobre quem foi Joaquim Nabuco e deveria falar sobre moda (até agora não sei se fala sobre qualquer vestimenta).

No caso deste livro, entendi que o erro estava no título e não na escolha dos artigos: não deveria ser “História dos Homens”, mas sim “Histórias dos Homens”. O singular traz uma condição determinista e factual, enquanto o plural abre para versões e discussões.

Apesar de todas essas críticas, sim, existe um bom conteúdo nas duas publicações. Infelizmente ficam perdidos em meio a arrogâncias acadêmicas e má escolhas. Ainda, o que realmente me intriga é: já não está na hora de uma revisão sobre o assunto da masculinidade na História?

Fica a provocação. **8=D**



aurazine

 aurazines  aurazines

<https://aurazine.carrd.co>

FABRICANTE DO VIAGRA COMPRA
A DO BOTOX POR U\$ 160 BILHÕES...

ANTES



DEPOIS



SACS COM
RUGAS
NUNCA
MAIS!

ADÃO



Desde que a pandemia de coronavírus começou, estou sem sexo físico com meu namorado. Estamos há mais de um ano juntos e nossa relação tem sido apenas no virtual. Apesar de estarmos levando isso bem (até porque é o único jeito) estou com receio de que o namoro não continue. Bate aquela angústia de “será que vamos conseguir seguir adiante com isso?”, “será que vamos sobreviver?”. Alguma dica?

E.L. Itumbiara/GO.

Começamos com “que bom que existe internet!” e “que bom que tá havendo um sexo virtual!” Imagina se fosse antes da era da tecnologia e não existisse nem essa possibilidade?

O que podemos pensar a partir da pandemia são questionamentos que a maioria das pessoas (namorando ou não) podem estar fazendo ou sentido: o quanto essa vulnerabilidade causada pelo isolamento, pelo medo da morte, pela ansiedade gerada na incerteza do futuro pode estar nos afetando e o quanto é bacana, legal e interessante ter alguém que a gente ame, longe ou perto, pra poder compartilhar todas essas sensações, tendo ainda a oportunidade de ressignificar a intimidade.

É fato que não está sendo fácil pra ninguém e quando eu falo ninguém isso inclui os casais que estão passando a quarentena juntos. Quanto esse convívio diário, quase que sem limites de espaço pode estar sendo complicado e exaustivo para ambos? Quanto esse dia-a-dia não pode acabar expondo os monstros interiores de cada um? Evidente que casais que estão distantes passam por uma situação muito dolorosa de incerteza em relação à quando e se vai rever um ao outro. Mas, junto a essa separação forçada, vem a criatividade no que concerne à fantasias e desejos que podem ser vivenciados no mundo virtual através de nudes, videoconferência, ligações, filmes... Ainda há quem vem se abrindo para os brinquedos eróticos e para conhecer sensações de seu corpo que não tem quando se está acompanhado do outro.

Se vamos sobreviver é uma incógnita, mas essa incógnita não faz parte da vida seja qual for o momento ou situação em que estamos? A incerteza do amor do outro trazida de forma mais concreta por essa época de quarentena pode levar a camadas mais profundas de entendimento sobre o que é o amor, como dá pra vivenciá-lo à distância ou como fazer ele resistir ao afastamento (ou ao sufocante convívio diário). E por mais que seja duro experimentar essas sensações assustadoras, ainda assim pode ser uma experiência única e extremamente reveladora.

Tudo passa. Uma hora isso tudo vai passar também...



Toda vez que vou a algum encontro sexual acabam acontecendo coisas do tipo: brochar, gozar rápido, perder o desejo... Isso vem me frustrando cada vez mais e se tornando um problema de ordem permanente. Por onde começo pra tentar resolver?

S.F. Florianópolis/SC.

Uma das ideias centrais impregnadas no imaginário social é a de que o homem tem que estar sempre pronto para o sexo e que o conceito de masculinidade está concretamente ligado ao de genitalidade, ou seja, ser homem implica ter um pênis durão e capaz de funcionar de modo adequado. Além disso, a performance sexual muitas vezes é associada aos filmes pornográficos, o que torna o sexo ainda mais complicado, pois nos filmes tudo é ensaiado bonitinho para que o resultado seja zero defeitos. Quem dera a realidade fosse tão simplista...

O pensamento de que o sexo é composto apenas de penetração faz com que os homens constantemente descontextualizem o momento sexual. O ato da penetração ganha maior importância e passa a existir a obrigação de uma ereção. Ao vivenciar ansiedade ou pensamentos depreciativos e negativos de seu futuro desempenho sexual, o homem passa a perceber somente os aspectos negativos do contato sexual conduzindo muitas vezes o encontro a um clima tenso e totalmente desregulado.

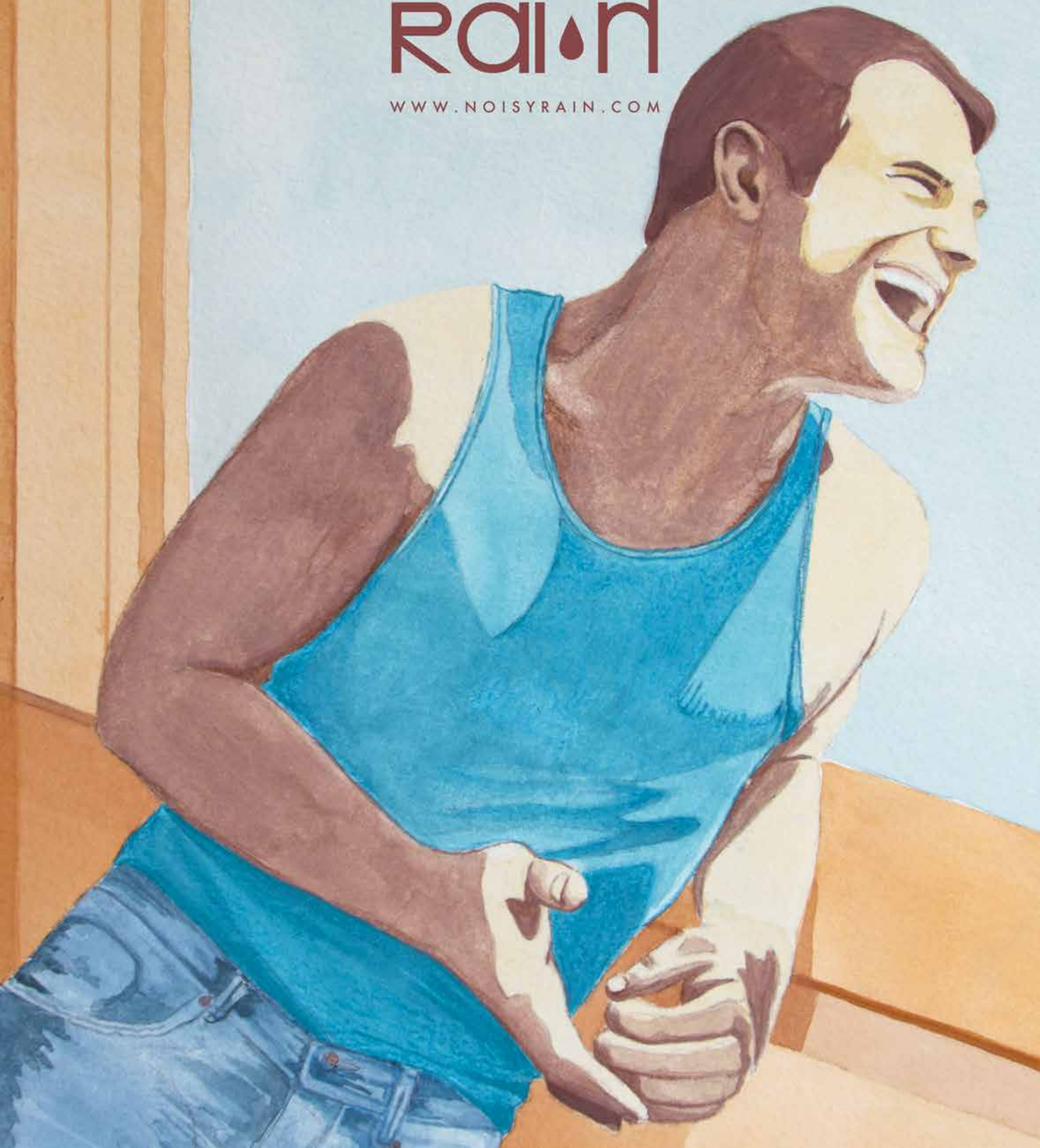
Tente perceber como está sendo seu próprio modo de funcionamento: analise seu histórico de relacionamentos (quando começou a apresentar tais queixas), se os encontros que você vem tendo estão realmente sendo confortáveis (no sentido de não precisar desenvolver nenhum grau de intimidade com a pessoa que vai encontrar, já que isso pode gerar sentimentos ansiosos ou angustiantes), como funciona a masturbação para você (se flui de maneira tranquila ou apresenta problemas de ereção, orgasmo, etc), o quanto suas idealizações sobre pornografia podem ou não estar interferindo ou afetando de algum modo para que o seu sexo não seja satisfatório, etc.

O mais indicado é que, caso esses sintomas continuem acontecendo, você busque ajuda especializada de um médico ou terapeuta que poderá acompanhá-lo melhor num possível tratamento.

FOR ARTISTS AND ART LOVERS
ONLINE GAY ART MAGAZINE

noisy
rain

WWW.NOISYRAIN.COM



moNUmento



Modelo: Ciro MacCord. Foto: autorretrato.



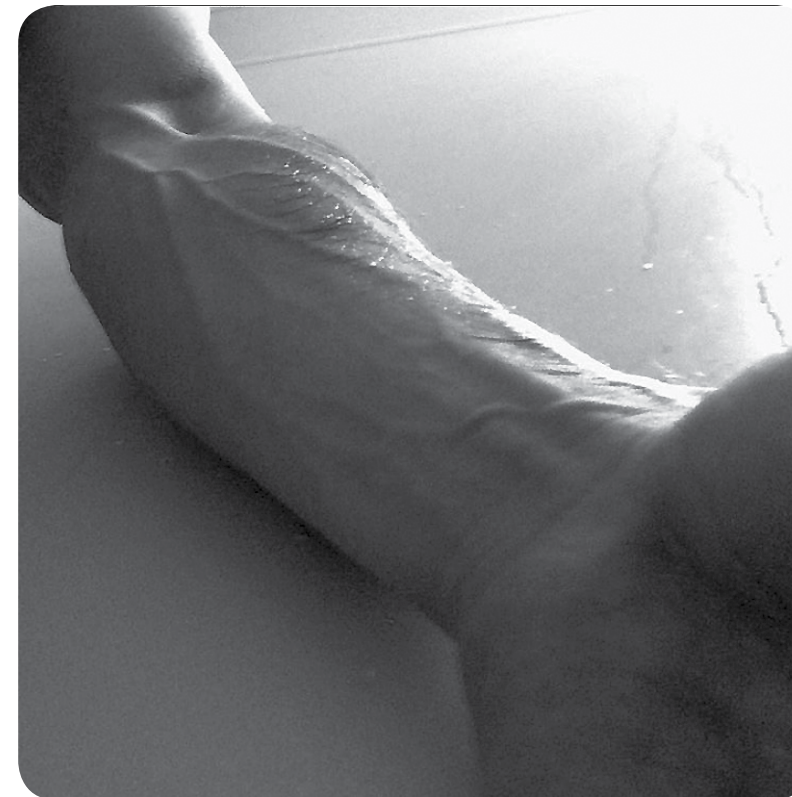
Olha o passarinho!



Penetração



Phallus erectus



Fui até onde eu posso puxar o limite do aceitável. O que é erótico para o algoritmo não necessariamente é erótico para gente: o desejo está naquele que vê.

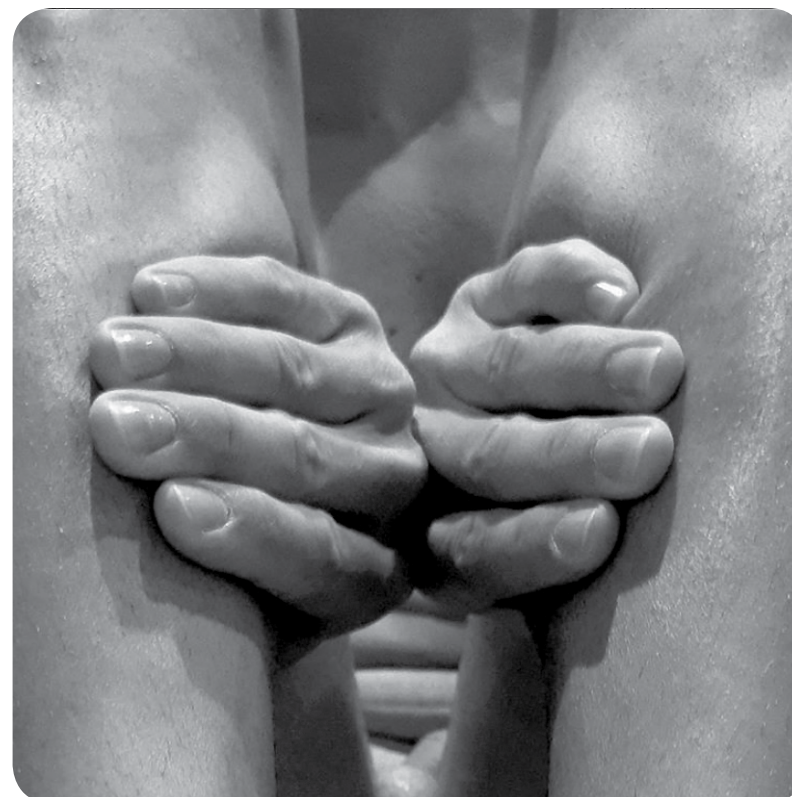
A monocromia de suas fotos foi acidental, mas o aproximou de Alair Gomes e Robert Mapplethorpe, dois fotógrafos que fizeram do corpo masculino veículos de arte monocromática em sua forma livre:

O tom de pele incomoda quando se trata de nu. E, se a fotografia inventa realidade que não existem, o preto e branco já é por si só uma invenção.

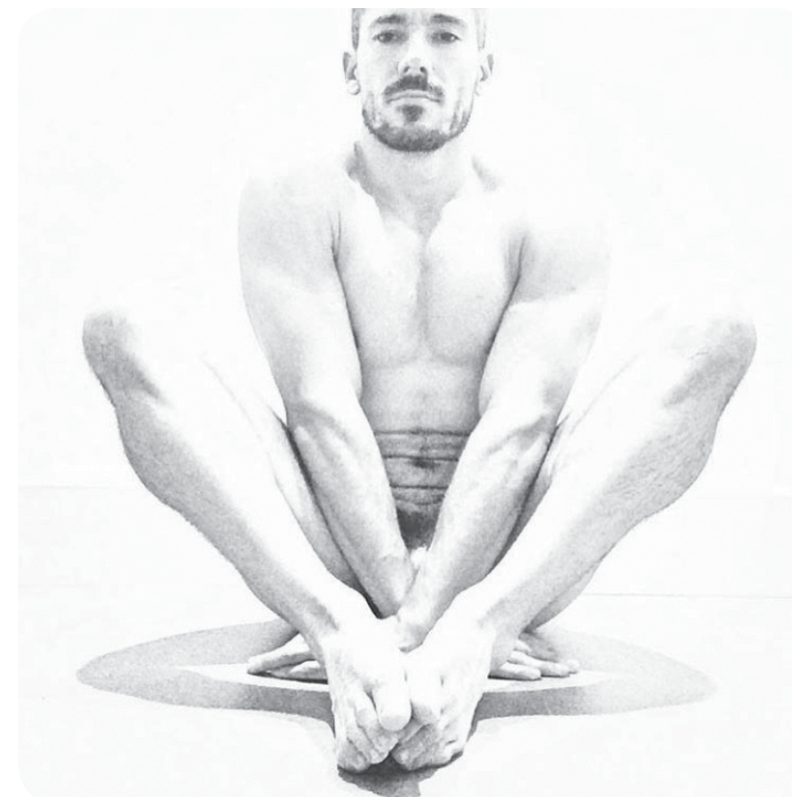
Em alguns momentos também lembra as experiências de Man Ray, o pioneiro da desconstrução da fotografia com a transformação de fotos tradicionais em criações elaboradas (ou improvisadas) de laboratório, usando muitas vezes distorções de corpos e formas.



Venom



Sansão no Templo de Dagom



Floração





FALO

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

